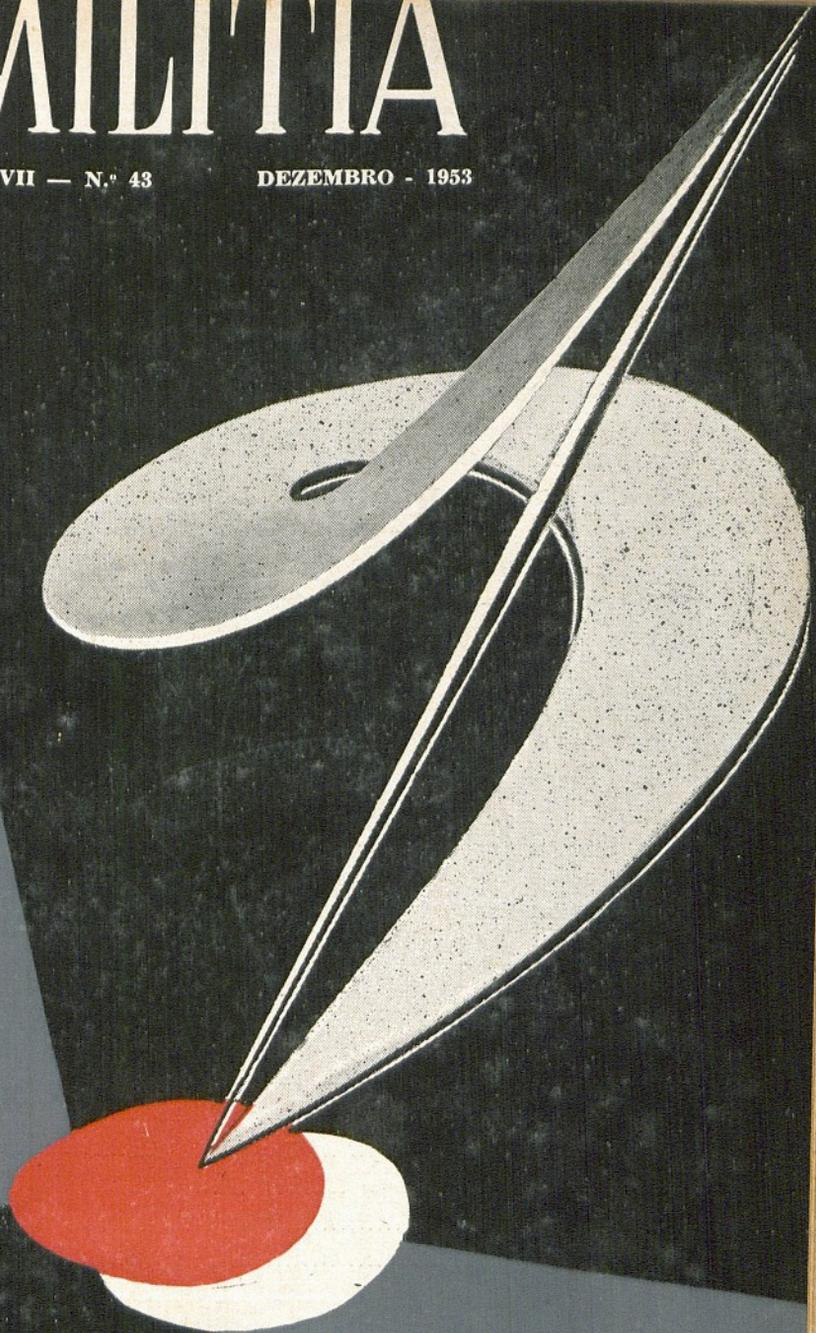


MILITIA

ANO VII — N.º 43

DEZEMBRO - 1953



SUMÁRIO

NOSSA CAPA	82
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
Aperfeiçoamento Profissional — 1.º ten. Sérgio Vilela Monteiro	6
Obrigado, Bombeiros! — Desembargador Percival de Oliveira	12
Coisas da Fôrça Pública — Cel. Anchieta Torres	14
Jacareí — Cleusa F. Velloso	16
João Ramalho Reabilitado — Cel. Lúcio Rosales	19
Preito a Uma Recordação — Cel. Antônio Pietscher	26
Conto de Natal — Cap. Plínio D. Monteiro	30
Reumatismo — Cap. médico Flerts Nebó	32
Paulo Afonso — Cel. Tenório de Brito	36
Secção Feminina — Rita de Cássia	42
Destinos — Cel. A. Feijó	50
NOTICIÁRIO	
Natal!	52
Falecimento	58
Caixa Beneficente da Fôrça Pública	60
NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS	
Amazonas	61
Bahia	62
Distrito Federal (Polícia Militar)	63
Mato Grosso	64
Minas Gerais	65
Pará, Paraíba e Pernambuco	66
Rio Grande do Norte	67
Rio Grande do Sul	69
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
52.º aniversário do 4.º B.C.	72
Brilha o Grêmio XV de Dezembro	75
Basquetebol em Iguatu	76
RECREAÇÃO	
Secção de Édipo	80



**DISTINGUIDO EM TODAS AS
FARMÁCIAS DO BRASIL**

*Peça de vidro gigante que
oferece estas vantagens:*

- Economia no preço, por igual número de doses.
- A história do "Jeca Tatuzinho", de Monteiro Lobato.
- Tratamento mais prolongado, sem interrupção, com o mesmo vidro.



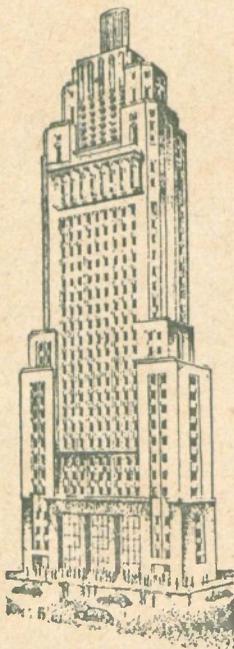
A Farmácia é uma "Casa do Bem" onde se encontram os melhores recursos para a defesa da saúde. Cumprindo as determinações do médico, ela entrega ao público medicamentos de comprovada eficácia, de absoluta confiança. É o caso do Biotonico Fontoura. Quando o organismo exige poderoso reconstituente - Biotonico Fontoura é sempre indicado. É o mais ativo medicamento contra anemia, raquitismo, fraqueza geral e neurastenia. Em todas as farmácias e drogarias.

BIOTONICO

o mais completo fortificante!

FONTOURA

Banco do Estado de S. Paulo S. A.



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras uma

SERVIÇO BANCÁRIO

RAPIDO

EFICIENTE

SEGURO.

O nosso

DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

RECEBER DEPÓSITOS

ou

PAGAR CHEQUES

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

Engalanou-se o alvorecer de 15 de Dezembro, assinalando o marco inicial de mais uma gloriosa jornada da Milícia Paulista, com clarinadas e entusiásticas manifestações de júbilo.

Vimos transcorrer, nesse dia, o 122.º aniversário da Fôrça Pública, corporação cujo acervo de serviços ao povo de São Paulo, ao Estado e à Pátria se projeta, diuturnamente, em tôdas as direções.

Em sugestivo retrospecto, verá o observador, longinquamente, embrenhado nos sertões do Brasil, o Miliciano Paulista. Participa êle, prolongando o Bandeirismo, ao lado de seus valorosos irmãos, da gloriosa epopéia de Laguna, em inolvidáveis lances, na defesa do sacrossanto território pátrio.

Depois, ainda a serviço da Pátria, verte a Fôrça Pública seu sangue, participando da memorável campanha de Canudos e se firmando, incontestavelmente, como fator da consolidação da democracia que nos rege.

Quando periclita a ordem, está a Milícia Bandeirante na estacada, na trincheira do bem comum e da lei. Assim foi em 22, em 24, em 30, 32 ou 35... e assim será, futuro afora.

Pioneira das grandes iniciativas, tem participado, ativamente, de todos os movimentos e empreendimentos objetivadores do progresso e da grandeza nacionais.

Salve, Fôrça Pública! Tuas tradições e realizações já constituem mola propulsora das iniciativas dos teus atuais componentes. À sombra de teu renome, êles levar-te-ão a outras grandes e benéficas concretizações, as quais hão de confundir teus destinos com os do povo paulista.

Aperfeiçoamento Profissional

Palestra proferida pelo

1.º ten. Sérgio Vilca Monteiro

Como é natural, tôda vez que o pensamento experimental se sobre põe ao pensamento empírico e organiza algo novo, surgem os entusiasmas e os incrédulos. Para os primeiros, nossa palestra será uma justa prestação de contas; para os segundos, um convite à participação de nossas realizações.

Empirismo é uma teoria pela qual o conhecimento deriva de experiência. Diz-nos o prof. Lourenço Filho: — «Não há diferença de essência entre o pensamento experimental e o empírico; o que há é diferença de método no conduzir o trabalho mental e em comprová-lo. As noções empíricas também procuram as relações causais, ou princípios que expliquem a uniformidade e a sucessão dos fatos, mas elas são cômodas e fáceis, dispensam trabalho e reflexão, por isso atraem».

O empírico diria: — Fulano será um bom soldado, o pai dêle é ótima pessoa e serviu à Fôrça durante 30 anos, sempre na boa conduta».

Dentro do pensamento experimental diríamos: — «Fulano tem probabilidades de ser um bom soldado, pois os resultados apresentados nas diversas provas a que foi submetido no D.A.S.O.P. — DEPARTAMENTO

DE ALISTAMENTO, SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL —, colocam-no dentro da média em relação ao grupo a que pertence».

A terminologia psicológica é ainda muito vasta e incerta e por vêzes se emaranha com a terminologia psiquiátrica. Como principiantes, que somos, dos assuntos psicológicos, por vêzes podemos não empregá-la adequadamente, mas para evitar dúvidas, desde já esclarecemos não ser nossa intenção invadir a seara alheia. E' tão sômente nossa intenção, realizar com os modestos meios de que dispomos, uma melhor seleção, contribuindo, assim, para o aperfeiçoamento profissional de nossos homens. E cremos, as estatísticas apresentadas em nossa primeira palestra revelaram resultados realmente animadores!

Ao pretendermos organizar o D.A.S.O.P., temos em mente o aperfeiçoamento profissional dos nossos homens e a união racional de diferentes serviços que já vinham contribuindo isoladamente para êsse fim.

Assim, será nosso objetivo:—

1 — Receber — selecionar — orientar:

1.1 — candidatos à Escola de Recrutadas;

1.2 — candidatos ao acesso aos diversos postos;

1.3 — candidatos aos cursos (cabos, sargentos, oficiais e especialistas);

2 — Adaptar os novos ingressados ao regimen de trabalho que irão ter;

3 — Readaptar os casos de desajustamento surgidos na Corporação;

4 — Organizar estágios de orientação psicológica e pedagógica para instrutores e monitores;

5 — Realizar trabalhos estatísticos;

6 — Organizar propaganda psicológica (interna e externa).

Para dar cumprimento a essas missões, apresentamos o D.A.S.O.P. organizado como foi público em Boletim Geral n.º 121, de 3-VI-53.

D. A. S. O. P.

1 — Subdepartamento Pessoal

1.1 — Secretaria.

1.2 — Alistamento.

1.3 — Qualificação.

1.31 — Gabinete fotográfico.

1.32 — Identificação.

2 — Subdepartamento Psicotécnico.

2.1 — Secção de Seleção e Orientação.

2.2 — Secção de Provas.

2.21 — Inteligência.

2.22 — Personalidade.

2.23 — Aptidões específicas.

2.24 — Conhecimentos gerais.

2.3 — Secção de Estatística e Arquivo.

3 — Subdepartamento Fisiológico

3.1 — Secção Médico-biométrica.

3.2 — Secção de Exames Especializados.

3.21 — Otorrinolaringológica.

3.22 — Oftalmológica.

3.23 — Odontológica.

3.3 — Secção de Provas de Campo.

Apesar das modificações a que estão sujeitos ambos os quadros, estudá-los-emos, como se fazia, como se faz, e como desejaríamos se fizesse.

Naturalmente o aperfeiçoamento profissional de nossos homens já foi cogitado muitas vezes e de diferentes formas. Não voltaremos muito ao passado, mas apontaremos apenas algumas experiências.

E' bem provável que as gerações futuras venham a superar muitos de nossos erros presentes. Por êsse motivo a explanação que passaremos a fazer não terá o caráter de censura aos erros passados, mas somente criticá-los à luz da razão, no intuito de realizar melhor.

Cada um dos itens ora apresentados nos fornece assuntos para longas palestras. Entretanto, citá-los-emos ligeiramente, para encarar com maior rigor o problema do soldado, no momento, nossa principal preocupação. Assim começaremos por:

Propaganda psicológica

Entendemos por propaganda psicológica externa, a divulgação metó-

dica de nossas realizações, hábilmente preparada no sentido de angariar as simpatias populares.

Si algumas vêzes angariamos as simpatias populares, foi por relevantes serviços prestados em calamidades públicas. Entretanto, uma só fotografia de um soldado assaltante, estampada nos jornais, destruiu todo esse pecúlio. O pior é que, muitas vêzes, não se tratava de um soldado, mas apenas de um ladrão valendo-se de um fardamento.

Nos países mais civilizados se lêem cartazes como estes: — «Sê amigo do policial». — «Peça o auxílio do policial, êle tem prazer em servi-lo». — «O policial protege o seu patrimônio — ajude-o nessa tarefa».

Hoje há normas psicotécnicas para uma boa propaganda, e há mesmo estudos de psicologia comparada dos povos, por meio de sua propaganda.

Por exemplo: — Nos Estados Unidos ela é espalhafatosa, em cores vivas; na Inglaterra é tradicional, breve e clara; na França, de acentuado fundo sexual; na Itália, exuberante em palavras e figuras, com motivos religiosos.

Organizando sadia propaganda, aumentaremos o número de candidatos que procuram a Fôrça e, dessa amostra maior, será mais fácil escolher os melhores. Além disso estaremos preparando o espírito popular para nos receber melhor.

A propaganda psicológica interna seria também uma divulgação metódica de realizações, preparada com objetivo de despertar as vocações dos novos ingressados na Corporação, para melhor servirem às Unidades

que no momento mais necessitem de homens.

Tal propaganda viria nos facilitar a tarefa de colocar o homem certo no lugar certo. Exemplifiquemos: — O R.C. necessita de tropa. Por meio de palestras, visitas e mesmo filmes, mostramos ao recruta o quanto realiza aquela unidade e as vantagens que proporciona. Tal tarefa seria feita na Escola de Formação, sob a direção do D.A.S.O.P., e na primeira fase da instrução. A colocação definitiva do homem seria tarefa do segundo período de instrução, após exames e provas específicas.

Trabalhos estatísticos

Seria injusto dizermos que nada foi feito. Existe, realmente, um pequeno grupo de oficiais que têm maneado o método estatístico, aplicado à instrução, no C.F.A. e E.E.F.. Estatísticas têm sido feitas no Q.G.

São inúmeras as definições de estatística. Vejamos a de Jorge Kafuri: — «A estatística é o instrumento lógico, fundado no método indutivo, que tem por objeto a descoberta em forma de valor das leis dos fenômenos coletivos e de multidão, quaisquer que sejam os campos experimentais a que êles pertençam».

Nossa Corporação, como coletividade, tem fenômenos que só podem ser interpretados pelo método estatístico, que coleta, apresenta e descreve os fatos observados. Se apresentarmos:

Elementos alistados na F.P.

De 1946 a 1951	8.001
Em 1952	2.105

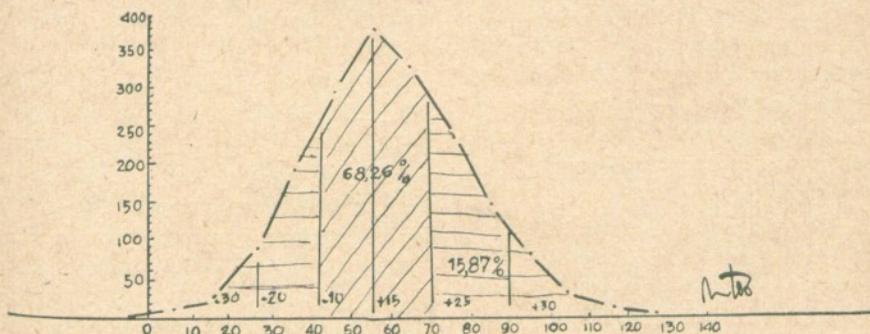
Excluídos por deserção e motivos disciplinares

De 1946 a 1951	2.380
Em 1952	68

Estaremos apresentando **ESTATÍSTICAS**. Delas poderemos deduzir, por exemplo, que o número de candidatos aumentou em 1952 e que o número de exclusões baixou de 29% para 3%. Poderemos formular a hipótese de que tal resultado se

deve à seleção. Estaremos, então, utilizando estatísticas, mas não induzindo cientificamente pelo método estatístico. Esse é mais precioso, pois é calcado nos estudos matemáticos de probabilidades.

Por exemplo: — Aplicando o «Army Test (forma beta)» nos 2.105 alistados em 1952 obtivemos um polígono de freqüência, com características de normalidade, aproximadamente assim:—



Na abscissa marcamos os números de pontos de teste e, na ordenada, o número de indivíduos que obtiveram esses pontos, isto é, a freqüência.

Por hipótese (pois no momento não estamos de posse dos dados) entre 0 a 10 pontos houve 2 candidatos; entre 10 a 20 houve 18, e assim sucessivamente. Realizando os cálculos verificamos que 68,26% dos indivíduos se situaram na zona média, entre 1 D.P. (desvio padrão) e que 15,87% estiveram acima da zona média, e 15,87% abaixo.

Após a aplicação de outras provas e de posse dos dados estatísticos necessários, verificamos as correlações apresentadas entre as mesmas e entre os resultados obtidos na vida prá-

tica, com a elevação do nível profissional de nossos homens. Assim constatamos, com prazer, que os melhores classificados nos testes também o foram nos cursos de cabo, sargentos e oficiais. Igualmente foram os melhores no exercício da profissão e na parte disciplinar.

Eis em linhas muito gerais o que o método estatístico pode realizar.

Organizar estágios

Já elaboramos os planos para um estágio de oficiais aplicadores de provas psicotécnicas, para as Unidades do Interior.

Tal providência evitará o deslocamento dispendioso e demorado de pessoal e material do D.A.S.O.P.. Tão logo se apresente, o candidato

poderá ser submetido a exames, e as provas ser-nos-ão remetidas para decidir quanto à aprovação.

Posteriormente, após melhor regulamentação, ampliaremos êsses estágios e cada unidade poderá ter os elementos psicotécnicos e pedagógicos necessários para, em constante ligação conosco, realizar a seleção preliminar e acompanhar o desenvolvimento da instrução.

Não se trata da criação de cargos, pois êsses elementos podem exercer normalmente suas funções policiais-militares. Isso é tarefa de instrutores e monitores, acrescentando-lhes apenas os conhecimentos básicos indispensáveis da psicologia aplicada e da pedagogia.

Reconhecemos a complexidade do assunto, mas o pouco que fizermos nesse sentido já será uma contribuição valiosa. As polícias-militares dos países mais adiantados, alicerçam bem sua cultura profissional em escolas de formação onde imperam êsses princípios.

Readaptar

Entendemos por readaptação, a aplicação de certos métodos científicos, com o objetivo de modificar a conduta do indivíduo, colocando-o novamente em harmonia com o meio. Tal tarefa só poderá ser bem realizada com a ajuda do psiquiatra e, nesse momento, os testes psicológicos aparecem como simples complementos auxiliares.

São muitas as causas de desajustes. Seu estudo, se levado a efeito por pessoal competente, viria contribuir eficazmente para uma melhor readaptação e aproveitamento de

bons soldados. Deixamos aqui nosso convite; o campo é vasto! Aliás, o D.A.S.O.P. prevê uma vaga de médico psiquiatra.

Só assim poderemos solucionar êsse problema e outros mais que se relacionam com a seleção e a orientação.

Não só o médico, mas o psicólogo, o instrutor e mesmo os amigos podem contribuir para a recuperação de um homem; às vezes, mais vale uma dose de bom senso que a sabedoria.

A propósito contou-nos um oficial: — «Quando tenente instrutor na Escola de Recrutadas, observando atitudes estranhas em um seu commando, solicitou seu encaminhamento aos especialistas competente.

«— Não faça isso tenente, lhe disse o cmt. da Cia, não vê que êle é o soldado mais quieto do Pel.?»

Dias depois, na enfermaria do H.M., foi colocada camisa de força em mais um homem que seguia para o Juquerí.

Muitas vezes, a simples observação de um leigo fornece a primeira pista; outras vezes, são os testes que apresentam êsses dados.

Certa vez, aplicando testes no 5.º B.C., nos vimos frente a ótimo rapaz, aparentemente em tudo perfeito. Nas provas de conhecimento e inteligência revelara média superior. Nas provas biométricas e de campo, idem.

No teste de personalidade revelou um traçado epilético. Entretanto um só teste é um argumento frágil para tal afirmação. Na ausência de melhores meios, ensaiamos uma

entrevista e a confirmação da epilepsia foi revelada. Nem sempre somos felizes assim. Não podemos jogar com dados ao acaso. Precisamos de um psiquiatra e dos meios necessários.

Adaptar

A tarefa de adaptação, em se tratando de indivíduo selecionado, é mais fácil que a anterior.

Consiste em aplicar certos métodos que venham harmonizar a conduta do indivíduo ao novo meio.

Como adaptávamos nossos homens ?

Empregando-os inopinadamente nas mais diversas tarefas, quais sejam, as de cavalaria, faxinas e plantões, com um equipamento sobre o traje civil.

Sem querermos exagerar, adaptação deve começar extra-quartel, pela propaganda, convidando o cidadão a abraçar a nobre carreira policial-militar. O policial-militar deve, desde logo, compreender o altruísmo e o valor da profissão. Ao procurar o alistamento, o ambiente lhe deve ser propício e acolhedor. Por meio de cartazes e palestras êle deverá ser instruído sobre nossas cousas, de

maneira franca e sadia. Compreenderá, assim, as belezas e dificuldades da carreira que vai abraçar e poderá decidir melhor.

Adaptar é, em última análise, estender a mão a quem chega, fazê-lo viver nossos problemas, imbuí-lo de entusiasmo e vontade de lutar; é ser amigo, é ensinar os primeiros passos.

Nosso plano de adaptação para o novo alistado consiste em palestras, projeções e visitas às diversas Unidades. Depois do que, o homem poderá iniciar o primeiro período de instrução.

Tal período a ser realizado na Escola de Formação, constará de matérias gerais, sem distinção de arma ou serviço. Nessa fase, ao se adaptar, se desperta sua vocação e nos facilita a tarefa de orientá-lo.

Submetidos a provas específicas de matéria, passará o recruta para o segundo período, ou seja, o período de especialização. Daí teremos uma turma para a cavalaria, outra para a infantaria, bombeiros, etc.

O tempo e métodos a serem utilizados serão, ainda, objeto de estudos.



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!**

Obrigado, Bombeiros!

Desembargador PERCIVAL DE OLIVEIRA

Dois rugidos, graves como advertências de coisas trágicas, partem da torre do quartel, reboam pela praça Clovis Bevilacqua. Seguem-se toques rápidos de corneta, transmitindo ordens imperiosas, e segundos depois já se ouve o roncar dos possantes motores das viaturas. Os bombeiros estão prestes a partir.

Ei-los que surgem, tripulando enormes carros, tão reluzentes que parecem novos em fôlha, saídos da fábrica. Partem num arranco e disparam pelas ruas, sob os olhares admirativos e curiosos do povo, que não costuma dar atenção ao que diretamente não lhe diga respeito. Que terá acontecido? Para onde irão? Não importa, o que importa é que seguiram sem demora.

A passagem do Corpo de Bombeiros é sempre um espetáculo fascinante. O vermelho vivo dos veículos, o brilho faiscante dos metais, a beleza dos uniformes, a multiplicidade dos apetrechos transportados, em que se salientam máquinas e escadas gigantescas, o longo lamento das sereias, entrecortado pelas notas agudas das cornetas, dão ao cortejo colorido e vivacidade empolgantes. Como é bonito!

Há, na fisionomia dos bombeiros, um ar grave e nobre. Olham fixamente para diante, preocupados com a velocidade que levam, não pelo risco que lhes faz correr, mas pelo que possa representar para os outros, porque a profissão de bombeiro já é mesmo arrisca-

da. Têm, no entanto, a serenidade dos fortes, no cumprimento do dever.

O trabalho dos bombeiros é constante. Quem os vê, enfrentando tremendas labaredas, ardentes brazeiros, escalando altas paredes, que a todo momento podem ruir; realizando prodígios de equilíbrio ou sublimes atos de abnegação, não pode deixar de sentir pelos heróis anônimos, simpatia e admiração. Como são heróicos e como sabem ser modestos no seu heroísmo!

Que é que anima a alma dos bombeiros, não só no ardor do combate às chamas, quando estão praticando suas estupendas façanhas, mas na rotina da vida de todos os dias? É um sentimento, cada vez mais raro, numa época em que quase todos só pensam em reivindicar direitos: o sentimento do dever, o desejo de servir, pelo serviço.

Não se limitam eles, entretanto, ao desempenho da sua principal missão, que é a de extinguir incêndios. Cumprem-na galhardamente, mas, além disso, estão sempre dispostos a ser úteis, a prestar qualquer outro serviço ao seu alcance, ainda que com grandes sacrifícios, e o fazem alegremente.

Surge, por exemplo, uma greve de ferroviários. Há, entretanto, gente aflita, que precisa viajar? Há mercadorias a serem transportadas, sob pena de ficar prejudicado o abastecimento da cidade? Aí vêm os bombeiros, prontos para remediar o mal, tanto quanto possível. Não é sua profissão, não foram

preparados para exercê-la, mas trazem consigo um talismã, capaz de remover montanhas, que é a sua permanente boa vontade e... os trens circulam.

Outro dia a greve é dos motorneiros de bondes e motoristas de ônibus. Como vai ficar a gente pobre sem condução? Apela-se para os bombeiros, a fim de que a vida da cidade não fique paralizada. Comparecem e os transportes coletivos movimentam-se.

Mais tarde, é a vez dos estivadores. Navios parados aguardam no cais e alguns já ameaçam ir embora. Os bombeiros descem a serra e a carga e descarga recomeçam.

Ultimamente, foi a greve dos empregados da Companhia de Gás. De um dia para o outro, tôda uma população ficou privada do indispensável combustível. Ainda por cima, era sábado... que fazer? Vieram os bombeiros, que nunca foram operários de fabricação de gás, e o gás reapareceu nos fogões. A grande maravilha não era a sua qualidade e sim que pudesse ter sido produzido.

Haja o que houver: desabamentos, incêndios, inundações, afogamentos, edifícios ameaçando ruir, um homem afogado, outros soterrados pela queda de uma barreira, um avião que tenha caído em meio do mato, seja lá o que fôr, poderemos contar com os bombeiros. Virão sempre, muitas vezes arriscando a vida, sômente para que alguns cadáveres não fiquem privados de sepultura cristã.

Já é muito, mas não é tudo. Repare-se num bombeiro, mesmo quando

não estiver de serviço, em horas de folga, ao passar tranqüilamente pela rua, como qualquer do povo: estará sempre impecável. Nunca se vê, um só, que não esteja muito limpo, rigorosamente uniformizado. Se o fazemos parar, para pedir-lhe uma informação, é de se apreciar a urbanidade do trato, a amabilidade com que é prestada. Seus nomes nunca figuram nas crônicas policiais, nem nos anais judiciários, como envolvidos na prática de crimes, contravenções, ou simples infrações. Corporação magnífica!

Deve haver um encantamento no seu velho quartel e faz reacear que se quebre com a sua demolição. Sucedem-se os comandantes e oficiais; os suboficiais e soldados também se reformam ou dão baixa; outros vêm preencher os claros, mas, a disciplina é sempre a mesma, idêntico o desejo de bem servir. A modéstia e o recato vão do comandante ao mais recente recruta. Não é extraordinário?

Entretanto, ainda não pensamos em testemunhar-lhes nossa admiração e gratidão, erigindo uma estátua ao bombeiro, ou estabelecendo um dia de sua glorificação, no qual desfilassem sob os aplausos do povo.

Aproxima-se, agora, o Natal. Como seria belo se aproveitássemos a grande data do Cristianismo, contribuindo, fôs-se com o que fôsse, para o Natal dos bombeiros! Não pela dádiva, em si, mas pelo seu significado. Seria como se viéssemos dizer publicamente: obrigado, bombeiros!

★ ★ ★

O ingrato só se contenta uma vez com o benefício, enquanto o reconhecido o bendiz eternamente.

SENECA

Coisas da Força Pública

Cel. Anchieta Torres

GOVERNAR SÃO PAULO

ESTANDO presente, acidentalmente, em uma solenidade do «Clube Militar» a que compareceu o sr. Ademar de Barros, quando governador do Estado, ouvi de sua excelência a afirmativa de que governar o Estado de São Paulo não era tarefa das mais fáceis. E, para ilustrar o que dizia, esclareceu que no ano anterior havia despachado cêrca de vinte mil processos diversos, quando o Presidente da República não despachara metade. Isso, acrescenta, si de um lado demonstra a pujança do Estado líder, do outro revela a necessidade de serem os serviços públicos descentralizados, de sorte que, casos os mais insignificantes não sejam submetidos à apreciação da mais alta autoridade, que consome horas preciosas no estudo de papéis, sem lhe sobrar tempo para apreciar, «de visu», problemas importantes que, às vèzes, ficam sem solução.

Na primeira metade do século passado não era assim. Governar a Província de S. Paulo constituia verdadeira e enfadonha sinecura. O chefe do govêrno, para não ficar bocejando nas fofas poltronas palacianas, inventava serviço e, para matar o tempo, imiscuia-se nas coisas mais corriqueiras.

Assim, em junho de 1840, conversando talvez com um compadrecu conhecido, soube que em determinado local havia um individuo vagabundo, que poderia ser recrutado para os corpos de linha, tão necessitados de efetivos.

Poderia ter informado a qualquer autoridade subordinada ou, em última análise, determinado a um official de gabinete que tomasse providências cabíveis ao caso. Assim, porém, não entendeu a mais alta autoridade estadual. Ali estava o que fazer. E tratou de, pessoalmente, dar as ordens a respeito, não se esquecendo de recomendar fôsse trazido ao seu conhecimento o resultado daquilo que havia recomendado. Espichou o caso...

Baixou ao comandante do Corpo de Municipais Permanentes, o seguinte officio:

«Chegando à noticia deste govêrno, que nesta cidade se acha um individuo de nome José Nazario de Souza, chegado há pouco da Freguezia da Casa Branca, e com residencia na rua da Cruz Preta, na casa immediata a do genro do coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo, cujo sujeito se acha muito nas circunstancias de ser recrutado para a

Tropa de Linha, por ter a idade de 20 anos mais ou menos, ser solteiro, não ter officio, nem occupação honesta e ter-se comportado menos bem no lugar de onde veio: o Presidente da Província encarrega ao senhor Capitão comandante do Corpo de Mu-

nicipais Permanentes de fazê-lo recrutar, participando a este Governo o resultado de suas diligencias».

Bons tempos aquêles, quando o Presidente da Província de S. Paulo tinha lazer para tratar diretamente de casos tão comezinhos!...

★ ★ ★

UMA SUGESTÃO

DESDE poucos anos após a fundação da tropa encarregada do policiamento do Estado Bandeirante, cuidaram seus dirigentes de dar ao soldado antigo vencimentos que os distinguissem do mais novo, do recrutado.

A princípio concedendo prêmios em dinheiro àqueles que, ao terminarem seu tempo de voluntário, desajassem continuar nas fileiras; depois, atribuindo uma importância mensal aos empregados, pela primeira e pela segunda vez e, finalmente, transferindo essa importância em percentagem, que variava segundo o tempo de serviço.

Nessas condições, o soldado veterano percebia sempre importância superior àquella que era paga ao soldado recruta, ou novo. Essa prática não só estimulava a permanência nas fileiras, dos bons elementos, como também recompensava com melhores vencimentos os que mais tempo de serviço possuíam.

Há alguns anos atrás foi abolido esse privilégio e, hoje, tanto ganha o soldado recruta, que quase nenhum serviço presta, como o vetera-

no, sobre cujos ombros recai o péso da maior responsabilidade, o que se nos afigura uma injustiça.

Cogita o governo do Estado, segundo noticiário da imprensa local, de melhorar os vencimentos do pessoal da Fôrça Pública, principalmente dos que menos ganham: os officiaes subalternos e as praças de pré.

Não seria ocasião oportuna para reparar a injustiça à que acima me referi ?

Podia-se, por exemplo, como se praticava antigamente com a nossa Guarda Cívica, dividir os soldados em três classes. Ao alistar-se, era incluído na 3.ª classe, com determinado vencimento; após o aprendizado, ao passar a pronto, teria os vencimentos aumentados com a promoção a soldado de 2.ª classe e, finalmente, se sua permanência nas fileiras fôsse conveniente, seria empregado como soldado de 1.ª classe.

Essa divisão no tempo é apenas a título de sugestão. Poderá ser outro o critério adotado, competindo aos responsáveis pela administração da Fôrça Pública julgar o que melhor convém aos interesses do Estado.

Jacareí

HISTÓRIA, FATOS E TRADIÇÕES

A povoação de Jacareí foi fundada por Antônio Afonso e seus filhos, Francisco Afonso, Estevam Afonso, Bartolomeu Afonso e Antônio Afonso, em 1652, com a denominação de Jacaré-ig, que, segundo Von Martius, quer dizer — rio de jacarés, naturalmente pela abundância desses hidrossaurios no rio Paraíba; nome que mais tarde o uso popular transformou em Jacarehy, e, atualmente Jacareí. Em 1655 foi elevada à vila, pelo donatário D. Diogo de Faro e Souza, e à cidade por lei n.º 17 de 2 de Abril de 1849. Desde aquela data até esta, em que se elevou à categoria de cidade, falecem, quase que por completo, documentos autênticos pelos quais se pudesse rememorar-lhe a história durante esse longo período de quase dois séculos. Todavia, dois fatos nos foram transmitidos que, embora não constem nos arquivos oficiais da câmara e dos cartórios da localidade, devem figurar nos fatos históricos desta cidade.

— O primeiro ocorreu no começo do segundo decênio do século XVIII, assinalado no Brasil pelas reações nativistas, denominadas guerra dos EMBOABAS e guerra dos MASCATES, na opulenta região de Minas Gerais e Pernambuco, assim como pelo motim chamado de MANETA, na Baía, e pelas invasões francesas de DUCLERC

CLEUSA F. VELLOSO

*Prof. de Sociologia Educacional da
Escola Normal e Ginásio Estadual
de Jacareí - Est. de S. Paulo*

e DUGAY TROUIN, no Rio de Janeiro. (Notas de Basílio de Magalhães).

Bartolomeu Fernandes de Faria, sertanista afamado e grande concessionário de terras, aprisionou avultado número de selvícolas, reduzindo-os a condição de escravos, com os quais montou, em Jacareí, um estabelecimento rural, em que posteriormente acharam boa colocação vários agregados. Com o numeroso pessoal da fazenda, guarneceu êle, poderosamente, a casa forte que havia levantado dentro do seu vasto domínio territorial; e, segundo claramente notou Basílio de Magalhães, como um barão medieval, confiante nas hostes aguerridas enfileiradas à sombra de seu pendão, o apotestado das margens do Paraíba, vivia atolado em crimes inóbeis e pecados abjectos.

Por volta do ano de 1710, houve na capitania grande carestia de sal, gênero monopolizado pelo Governo e que então se vendia, em Santos, tão somente aos validos dos depositários do Poder, resultando disso tornar-se-lhe tão eleva-

do o preço que privados se viam os pobres de adquiri-lo.

Bartolomeu Fernandes de Faria não pôde suportar êste estado de coisas. Agremiou os seus feudatários e servos, todos devidamente munidos de arma e, sob seu comando, dirigiram-se para Santos. Chegando à povoação fundada por Braz Cubas, fêz o déspota jacareense abrir, à fôrça, os armazéns de sal, dêle tomou quanto quis, franqueou-o aos seus sequazes e aos demais que da oportunidade se aproveitaram, pagando, a seu talento, o gênero violentamente retirado.

Voltando com a sua gente para o seu feudo e residência, o arbitrário, mas, tanto ou quanto, generoso Bartolomeu Fernandes de Faria se viu, dentro em breve, atacado por fôrças do Govêrno, que não podia deixar impune semelhante atentado, cuja repressão era de rigoroso preceito, conforme as draconianas Ordenações do Reino. Mas, o castelão famoso, rechassou essas tropas, resistindo às intimações das autoridades e às admoestações dos parentes e amigos. Mais tarde, por carta régia de 28 de Abril de 1711, foi-lhe ordenada a prisão, assim como o arrasamento da sua célebre casa forte. E, ainda desta feita foram repellidos, pelo famigerado castelão, os encarregados de cumprir o mandado do soberano. Só em 1719, quando Bartolomeu de Faria estava impossibilitado, por grave enfermidade, de defender-se a mão armada, é que lograram prendê-lo e, quiçá, puni-lo dos seus muitos crimes, si é que a morte, como bem pondera Magalhães, o não preservou do castigo, pois a isto nada diz o autor do QUADRO HISTÓRICO, que aliás é quem nos conta o que vimos narrando.

O outro fato deve ter-se passado, provavelmente no começo do segund-

quartel do século XVII. Era justamente a êsse tempo que mais acentuado se tornava o movimento, provocado pela *aurisacra fames*, em Mato Grosso, cujas opulentas minas haviam sido descobertas pela expedição de Pascoala Moreira Cabral, em 1719. Aventureiros de todos os matizes arrojaram-se, de então em diante, em procura do novo *el-dorado*, inesperadamente aparecido no extremo oeste.

Os índios daquelas longinquoas paragens, porém, coligaram-se contra os invasores do território, de que aquêles se reputavam, e de fato o eram, os naturais e legítimos senhores, opondo aos adventícios uma resistência tenacíssima e prolongada que fêz dizer Roberto Southey terem sido tais aborígenes os que melhor souberam defender a sua propriedade. Várias monções foram totalmente desbaratadas pelos índios ribeirinhos dos afluentes do Paraná e só depois de muitos e terríveis combates, que lhes levaram fortes expedições organizadas por diversos governadores da capitania paulista, foi que a conquista e o povoamento regular de Mato Grosso pôde tornar-se uma realidade.

Contam que num desses encontros, um mulato de São Paulo, famigerado pela colossal corpulência e fôrça extraordinária, sustentou, com o auxilio de sua esposa, o choque de várias canoas, tripuladas por *Guaicurús*. A princípio, matou muitos a tiro, tomando as espingardas e pistolas que a mulher ia, à medida, carregando; depois, quando os selvagens quiseram dar abordagem, defendeu-se com varapáus e arpões e, afinal, com a coronha das armas conseguindo sempre mantê-los à distância. — Querem saber donde era a imtrépida mulher daquele vale te mulato? Paulis-

ta, *natural* de Jacarei, era a cabocla que combatia ao lado de seu marido, por entre uma chuva de flechas dos selvagens, carregando as espingardas e passando-as aos combatentes, que derrotaram os índios Payaguas e Guaicurús.

São êstes os únicos fatos que a tradição e apontamentos antigos revelam sôbre esta importante localidade.

Nada se sabe sôbre o seu primitivo desenvolvimento.

Um longo periodo de 192 anos permanece na mais profunda obscuridade.

Entretanto, nesse longo ciclo de dois séculos naturalmente muito teria a estudar o historiador que procurasse conhecer a formação desta pequena mas notável célula de nosso Estado, que foi, por muito tempo, chamada "*Estrêla do Norte*" e que, em nossos dias, por vários títulos, como adiante verificaremos, muito justamente lhe assenta o cognome de "*Atenas Paulista*".



Consumir

E' um dever de patriotismo.

Produtos

E' contribuir para o
desenvolvimento da
nossa produção.

Nacionais

E' ajudar a libertação
econômica do Brasil.

JOÃO RAMALHO REABILITADO

Cel. LÚCIO ROSALES

(II)

O desenvolvimento da «sua» povoação de Santo André, nos anos seguintes, é outro feito que nobilita o fronteiro-mor. Sômente os homens dotados de espírito de abnegação, acendrado amor ao trabalho, alevantado espírito de humanidade, se dedicam a tão ingente empresa de fazer prosperar um núcleo de população, com carência absoluta de recursos materiais e mesmo com a opposição dos governantes.

A aldeiola de João Ramalho não era «traição à idéia civilizadora», era como um povoado qualquer, paupér-rimo e pacífico de Portugal, habitado por gente rude, exclusivamente entregue às preocupações materiais de uma vida grosseira e áspera, afirma o historiador máximo do bandeirismo, mestre Afonso de Taunay..

Não pode ser chamado de traidor da civilização, quem foi escolhido pelos jesuítas para capitão da guerra, quando a 10 de julho de 1562 irrompera o violento assalto de Piratininga, teatro magnífico da bravura e lealdade de Tibiriçá e do grande João Ramalho.

Não pode ser covil de ladrões o arraial que tinha por padroeiro a Santo André, uma piedosa reminiscência do distrito natal, do seu aldeão, que a seu primogênito deu este nome.

Escreve Serafim Leite:

«João Ramalho deve ter falecido pouco depois de 1580, data do seu testamento. É notável ver como os primeiros povoadores do Brasil, mesmo vivendo mal, durante a vida, à hora da morte, se tinham tempo para isso, a regularizavam: declaram os filhos ilegítimos, que tem, perfilham-nos, herdamos e deixam sempre algum legado para confrarias, etc.

Misto de sensualismo e de fé, tão característico daquela época! Veja-se, por exemplo, o testamento de Francisco de Proença (Inventários e Testamentos, XI. 419).

Vê-se, nesta afirmação do Padre Serafim Leite, o espírito de honestidade que tinham os nossos primeiros povoadores. Não deixavam de perfilhar os seus descendentes ilegítimos, não os desamparavam e, para as confrarias, sempre alguma coisa era legada.

São provas exuberantes de fé, atos incontestes de humanidade. Conclui-se destas ações, o que dominava o espírito dos nossos primeiros povoadores, qual o sentimento primacial que lhes tomava a alma. Fustel de Coulanges diz, em a «Ci-

dade Antiga», que a história não estuda só os fatos materiais e as instituições; o seu verdadeiro objeto de estudo é a alma humana; ela deve aspirar a conhecer o que esta alma criou, pensou e sentiu, nas diversas idades da vida do gênero humano.

João Ramalho foi cristão, dentro da realidade social em que viveu; a luta que manteve com os jesuítas não foi religiosa, foi uma divergência político-econômica, em que êle e os jesuítas acordar não podiam naquele instante da nossa história, quando era preciso escravizar para a obtenção do braço trabalhador.

O seu desprendimento pela terra que tanto lhe deve está claramente manifesto nesta página de Pedro Taques, citada por Afonso de Taunay:

«Para ser a povoação de Santo André aclamada em vila, fêz João Ramalho à sua custa construir uma cêrca, e dentro desta formou quatro baluartes em que se cavalgaram peças de artilharia para varejarem contra os repetidos assaltos com que o gentio Tamoyo da Ribeira do Rio Paraiiba costumava invadir aos moradores de Santo André, até que cessaram as hostilidades e penetraram os Padres Jesuítas em janeiro de 1554 os campos de Piratininga e celebrou-se a primeira missa no dia 24 de janeiro de 1555 (Sic)».

João Coelho Gomes Ribeiro é, indubitavelmente, um dos pioneiros na pugna para a reabilitação de João Ramalho, perante a história. Vejamos o que diz Tito Livio Ferreira, historiador infatigável que, na

hora presente, com invejável entusiasmo, está afastando o tão injusto esquecimento a que foi condenado o Padre Manuel da Nóbrega, figura extraordinária a quem Max Fleiuss atribui mais trabalhos em prol da nossa colonização e desenvolvimento cultural do que a todos os governadores gerais:

«Decorrido cêrca de ano, o sr. João Coelho Gomes Ribeiro enfileira-se ao lado dos reabilitadores de João Ramalho. Cita para isso documento notável. No fecho do auto de posse da sesmaria de Pedro de Góis lavrado em 15 de outubro de 1532, lê-se: «Testemunhas que a tudo foram presentes o sobredito João Ramalho e Pedro Gonçalves que veio por homem de armas nesta armada, que veio por Capitão-mor o dito Senhor Governador, as quais ASSINARAM no livro do tombo comigo escrivão. (João Mendes de Almeida — Algumas notas genealógicas). Tôdas as dúvidas se desfazem diante da palavra, digna de fé do escrivão Pedro Capico. Varnhagen silencia a respeito. Parece ainda ignorá-lo. E a comissão nomeada pelo Instituto Histórico de São Paulo também manifesta ignorância idêntica».

Esta pesquisa histórica é para perquirir se João Ramalho é ou não analfabeto.

Suponhamos que o colonizador do planalto, o defensor das terras de Piratininga, o primeiro branco que transpôs a muralha de Paranapiacaba fôsse analfabeto. Viria isto provar

ser João Ramalho um individuo falto de intelligência? De maneira alguma. Para o estudo da ação do desbravador dos sertões da Capitania de S. Vicente, esta circunstância em nada desmereceria a sua marcante personalidade. O analfabetismo, attendendo-se à grande ignorância que reinava naquela época, era muito comum entre as classes nobres do reino de Portugal (Leôncio do Amaral Gurgel).

O que devemos estudar e analisar, dentro da maior isenção de ânimo, recolhendo a verdade histórica, só e só ela, sem artificios de erudição, que é o pior dos males, é se João Ramalho foi um dos grandes soldados do Brasil, um administrador emérito, um patriota indiscutível, um cidadão útil à sociedade e ao Brasil.

As suas rusgas com os jesuítas não trouxeram nenhum dano ao desenvolvimento cultural, econômico e social do Brasil embrionário. Não podia ser inimigo dos jesuítas, uma vez que João Ramalho estava ligado aos mesmos por laços de parentesco. O Padre Manuel de Paiva era primo do fronteiro-mor.

O ter-se aferrado à idéia de não querer transferir a sua povoação de Santo André para os campos de Piratininga tem fundas razões de ordem moral e sentimental.

Ele era o fundador daquela localidade; ele não podia deixar de ter uma grande paixão por aquêle torção que fundara e fortificara à sua custa para protegê-lo contra o genio contrário. Como César, não queria ser segundo e sim primeiro.

Santo André da Borda do Cam-
po, diz Alfredo Ellis, foi o primeiro

e mais avançado núcleo humano civilizado, no interior brasileiro.

Era João Ramalho degredado?

Alfredo Ellis emite a seguinte opinião:

«São diversas as acusações que se fazem a Ramalho. Entre elas existem as seguintes:

- a) João Ramalho era degredado;
- b) João Ramalho era judeu;
- c) João Ramalho era acatólico e inimigo dos jesuítas, e
- d) João Ramalho era analfabeto.

Vejamos.

A primeira não se estriba em documento algum. Há apenas a suposição. E' uma acusação resultante apenas da imaginação. Era possível que Ramalho tivesse sido um degredado, entretanto, não era provável. Mas mesmo que tivesse sido, não vejo desdouro nisso».

Na verdade, o degrêdo não era labêu infamante, as mais das vêzes. César Salgado assim explana êste tópico:

«E' sabido e repete-o João Francisco Lisboa nas suas «Obras» que as leis portugêzas puniam com degrêdo delictos de opinião e de pensamento, e até exercício de qualquer indústria pacífica.

Eis aqui exemplos frisantes nas Ordenações do Reino.

— Serão punidos:

Os que caçarem nos meses defesos.

- Penas: Degrêdo para a África por um ano. Pena pecuniária de vinte cruzados.

Os que desmancharem os ninhos de perdizes.

- Pena: Degrêdo para as Galés por dois anos.

Os estudantes de Coimbra que andarem embuçados com as capas pelas cabeças.

- Pena: Degrêdo para o Brasil por cinco anos».

Não é preciso prosseguir. Antes, bem ao contrário, são, as mais das vêzes, títulos de condecoração. Não eram infâmia em Portugal no século XVI. quando S. Magestade despachava para o Brasil, os que saboreavam sem régio alvará, favos de mel; era condecoração em S. Paulo, em 1932, quando a Ditadura deportava para Portugal os que se haviam levantado em prol da lei e defesa da dignidade paulista».

Não pode haver defesa mais brilhante, e convincente, do que esta de César Salgado, que ao iniciar o seu magnífico trabalho «De João Ramalho a 9 de Julho», escreve esta sugestiva introdução:

«Não sei porque me elegeram a mim, Acusador Público, para defender João Ramalho, o «pai do primeiro paulista», arrastado há quatrocentos anos ao banco dos réus».

Rachel de Queiroz, brilhante escritora patricia, conhecedora profun-

da do drama cruciante que assola o norte brasileiro, fez em «O Cruzeiro», revista hebdomadária do Rio de Janeiro, um sucinto estudo das Ordenações d'El Rey Nosso Senhor.

Vejamos algo do que disse Rachel de Queiroz:

«Um amigo, outro dia, me fez um presente precioso: trouxe-me três volumes, encadernados em couro, das Ordenações e Leis do Reino de Portugal recopiladas per mandado del Rei Felipe, o Primeiro.

E se a leitura dêste se redime de tal pecado, pois fato é que o texto das Ordenações seduz mais do que muitos romances. São elas como um levantamento da vida e dos costumes dêsses avós portugueses, ainda tão perto de nós.

A alguns poderão parecer engraçadas, pitorescas, mas para serem estudadas e cumpridas é que foram publicadas e não por graciosas.

E tôda vez que El Rei na sua ordenação diz «Morra por ello» a singela sentença evoca atrás de si uma secular procissão de condenados que pagaram na forca, no machado ou na fogueira.

E cumpridas foram as ordenações. E da maneira mais sumária: por simples denúncia ou pela confissão sob tortura».

Se João Ramalho foi atingido pelas Ordenações, com degrêdo para o Brasil, está mais do que claro que não o fôra por transgressão de cunho infamante. Até hoje não há prova documental alguma, e os castigos e-

ram applicados, muitas vèzes, sumàriamente.

E' mesmo de admirar, a justo título, como a nação inteira não fòs-se degredada em massa, escreveu o Barão Homem de Melo (Hélio Viana e Tito Lívio Ferreira, Oliveira Lima).

Cita Afonso de Taunay a Eugênio de Castro, sôbre o aparecimento de João Ramalho em terras brasileiras:

“Nas crônicas da época ou nos documentos publicados sôbre portuguezes que primeiro habitaram. êste litoral, fala-se de Gonçalo da Costa, Antônio Rodrigues, João Ramalho, Mestre Cosme, Francisco de Chaves, afora anônimos náufragos”.

Sôbre o mesmo assunto escreve Ermelino A. de Leão:

«São as mais descontraçadas as datas fixadas para desembarque às costas do Brasil. Desde a versão de frei Gaspar, fixando em 1490 a sua chegada, vão os historiadores e cronistas variando o ano do acontecimento, desde 1500 a 1518.

O dr. João Mendes de Almeida formulou a hipótese de serem Ramalho e Antônio Rodrigues os dois grumetes deixados em terra, pela armada de Cabral, em 1500, com nomes trocados.

O senador Cândido Mendes fixou a data de 22 ou 25 de Janeiro de 1502, dizendo que o fundador de Santo André veio na armada de André Gonçalves.

O eminente historiador dr. Rocha Pombo declara ter ocorrido o acontecimento entre os anos de 1510 a 1518».

Varnhagen admite que já em 1508 estava João Ramalho no Brasil, tendo logo depois subido para os campos de Piratininga, escreve Afonso de Taunay em seu último livro sôbre João Ramalho.

Muito judiciosamente comenta Almeida Prado, continua Afonso de Taunay, em seu magistral trabalho, transcrevendo a opinião do mesmo historiador:

«Pouco temos sôbre a data, menos ainda como surgiu Ramalho serra acima. Alonso de Santa Cruz, e Oviedo, mencionam náufragos refugiados na ilha dos Porcos, em ano correspondente à chegada de João Ramalho. Contudo temos de ficar no terreno das conjecturas, como também acêrca de outra figura lendária, Diogo Alvares, o Caramurú».

Américo de Moura, autoridade de alto prestígio. palavras de mestre Taunay, diz que João Ramalho tendo-se casado em 1510, veio logo depois para S. Vicente, creio que em degrêdo, no campo de Piratininga, antes de 1513, dezenas de anos antes de qualquer povoador.

Diz Teodoro Sampaio:

«As explorações se sucediam a pequenos intervalos, quer da parte dos castelhanos, quer da dos portuguezes. O tráfego com o gentio da terra era communissimo. As feitorias para êsse fim criadas não eram poucas, pôsto que de efêmera

duração. A presença de europeus entre os selvagens, já como agentes compradores, já como degredados ou como desertores do serviço de bordo, já enfim como feitores nas feitorias, naufragos ou tripulantes de navios avariados em que eram forçados a deixar entre os bárbaros parte de sua equipagem para salvar a outra parte, é um fato que as crônicas e relações de viagem dessa época longínqua nos atestam.

Parece-me que João Ramalho deve ser contado no número daqueles que, como Antônio Rodrigues, se estabeleceram no país para fins comerciais».

Esta circunstância de João Ramalho ter aqui se estabelecido para fins comerciais é a prova mais cabal de que o título de aventureiro com que tem sido denominado, tantas vezes, e com tanta ênfase, é a mais clamorosa injustiça que se lhe tem feito.

José Torres de Oliveira, que por muitos anos presidiu o sodalício: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, com inteligência e carinho, até o seu falecimento, diz, em sua conferência sobre Martim Afonso de Souza e a Fundação de São Vicente:

«... a povoação de Santo André da Borda do Campo foi extinta por Mem de Sá, a pedido do Padre Nóbrega, como um foco de rebelião, de vícios e de crimes».

A mudança das gentes de Santo André para Piratininga em nada alteraria a índole e os costumes dos

andrésenses. Não é este o motivo da transferência dos andrésenses para Piratininga.

Os próprios habitantes se sentiam inseguros. O gentio ameaça constantemente a povoação e a falta de gêneros de subsistência era um permanente flagelo. Assim expõe a mudança o eminente historiador Afonso de Taunay:

«A transferência operou-a o terceiro governador geral. Pediram-na, como vimos, o povo de S. Vicente, o de Santos e os jesuitas (Serafim Leite).

E Santo André. Também o seu procurador, em nome do povo, o desejava. Mas existe um documento capital, que o prova de maneira positiva.

Pouco depois da mudança, os camaristas de São Paulo, antigos vereadores de Santo André, escrevem à Rainha D. Catarina. E, referindo-se à atividade dos Tamoyos e Franceses e às medidas urgentes que convinha tomar, acrescentam:

«Este ano de 1560 veio a esta capitania Mem de Sá, governador geral (... ..) mandou que a vila de Santo André, em que antes estávamos, se passasse para junto da casa de São Paulo, que é dos Padres de Jesus, porque nós todos lho pedimos por uma petição, assim por ser o lugar mais forte e mais defensável, assim dos contrários como dos nossos índios, como por muitas outras coisas, que a êle e a nós moveram».

Não são outras as razões da mudança. A afirmativa de que Santo

André era um foco de rebelião, de vícios e de crimes não se ajusta bem à realidade. Naturalmente não seria um local onde os requintes de civilização ou mesmo uns preliminares de polidez social reinassem para admiração da posteridade.

O certo é que João Ramalho fundou Santo André, centro irradiador de onde saíram os mamalucos, os paulistas, raça de gigantes, na expressão de Saint-Hilaire, um dos espíritos mais sensatos que o mundo produziu, uma das inteligências mais brilhantes do século passado, um dos seus maiores sábios.

Para esta gente que havia de dar aos seus pósteros uma tão grande pátria, teve Mem de Sá estas expres-

sões, em carta dirigida à Rainha D. Catarina:

«Esta terra não se pode nem deve regular pelas leis e estilos do Reino. Se V. A. não fôr muito fácil em perdoar, não terá gente no Brasil; e porque o ganhei de novo, desejo que se êle conserve (Carta de 30 de março de 1570).

Santo André da Borda do Campo é, para o coronel Pedro Dias de Campos, historiador que aos 80 anos ainda enriqueceu as letras históricas com um trabalho de valor, «O incola e o bandeirante na História de São Paulo», o ninho quente da brasilidade que no dealbar de sua eclosão, formou com os mamelucos a nação piratingana que se aliou à guaianã.

CAIXA ECONOMICA ESTADUAL NOTURNA

PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO, 192
(PRÉDIO C. B. I.)

Em PINHEIROS

AV. BUTANTÃ, 104 (PEGADO AO CINE GOIÁS)

Abertas das 12 às 23 horas

Aos sábados, das 9 às 15 horas.

JUROS DE 5% E 6%.

PREITO A UMA RECORDAÇÃO

CEL. ANTÔNIO PIETSCHER

A CASO ainda existisse entre nós Sérgio Rodrigues Caldas, certamente iria levar-lhe meus agradecimentos pela bela crônica de sua autoria, que tantas recordações em mim despertou, especialmente com a publicação, em «MILITIA», de uma fotografia que, em 1925, tirei nos sertões goianos. É essa uma pálida idéia do que foi, para a nossa memorável Fôrça Pública, a campanha em território goiano. A fotografia em apreço destaca dois soldados do 8.º B.C., sentados à beira do caminho, com os pés dilacerados pela caminhada sem fim... O grupo é maior. Vou retirá-lo do meu album de reminiscências, para que o exemplo pontifique e «MILITIA», se assim entender, sirva de veículo à sua publicação.

Pena não tivessem sido tiradas fotografias do alto, para apanhar os batalhões em marcha, a duas jornadas uns dos outros, em direção a Formosa, ponto de concentração de 2.500 componentes da tropa paulista, e de onde deviam partir para ocupar determinados sectores.

Hely Fernandes da Câmara, destacado como repórter de campanha do Comando das operações, disse-me certa vez:— «Quando passei no au-

tomóvel do Comando, pelas tropas em marcha, senti em mim tôdas as vibrações do soldado e volvi minha lembrança às paginas de Taunay, quanto à retirada da Laguna. Que página mais gloriosa podia ter enriquecido a história bandeirante, que o concurso de sua Fôrça Pública, quando solicitado para debelar o mal, onde êle aparecesse, em território nacional!»

No período de 1922 a 1932, ela desdobrou-se. A sua ação não se fez sentir sòmente em São Paulo. Estendeu-se a todo o país, fazendo a cobertura dos centros de maior envergadura, apesar dos poucos recursos de que dispunha, obrigando-a a se multiplicar para satisfazer, dentro do possível, às exigências do momento.

Assim é que, da caatinga do nordeste ao extremo sul; das fronteiras da Bolívia, ao litoral brasileiro, não houve rio que a Fôrça Pública não atravessasse, nem montanha em cujas encostas seus soldados não tivessem dormido; tampouco rochedos do litoral em que êles não tivessem ouvido o soluçar das ondas.

Tornara-se, por conseguinte, uma tropa maneável e segura, se comple-

tando de uma longa aprendizagem, que perdurava desde o ano de 1906. Das provas de fogo a que, por vèzes, fôra submetida, se havia saído bem. O esmêro da sua formação compen-sava os esforços do govêrno do Esta-do e do povo paulista. Para um São Paulo forte, uma Fôrça Pública adequada. Nesse particular, ela sem-pre foi além da expectativa geral.

Teve razão Sérvio Caldas, quan-do disse que ela nunca reclamou coi-sa alguma para si, e seus soldados sempre souberam suportar as conse-quências das desditas, sem queixu-me. E' uma verdade dura e real. E se queixume tivesse que haver, não seria contra os pequenos comandos, que nada podiam alvitrar de provi-dências, sem o risco de sumária de-posição das funções e do cargo. Eram uns conformados com as ordens e as imposições dos deveres, obriga-dos, muitas vèzes, a assistir aos sol-dados se despojarem das vestes para enrolar os pés, na falta de calçado. E são fotografias que falam pelos pequenos comandos, ou comandos de pequenas unidades; ao seu pesado e-

quipamento de campanha, os solda-dos adicionavam o arreiamento dos cavalos que morriam pelo caminho e, para sobrecarga, as latas para co-zer seu alimento, quando encontra-vam. Ainda são as fotografias os melhores testemunhos.

O 8.º B.C., do qual fui primeira-mente, sub-comandante e depois co-mandante, até Corumbá, na sua mar-cha, tinha para mais de uma légua de comprimento, tal o estado precá-rio de sua gente.

As guardas de retaguarda, do meio para o final da Campanha Goiana, foram notáveis em esforços e dedicação, na condução e orienta-ção dos estropiados. Estes eram os últimos a chegar ao acampamento em diversas horas da noite, e os primeiros a partir ao raiar do dia, com o grupo de instalação. Daí a deno-minação pilhérica de «grupo galo».

E não foram sòmente os solda-dos submetidos a essa provação; os oficiais, em sua maioria, sofreram as mesmas conseqüências. Nem por isso, houve atos de indisciplina ou amea-



Oficiais tomando refeição. Da esquerda para a direita: Aldrovando de Andrade, José Pe-reira de Souza Filho, Antônio Pietscher, Labieno Olímpio Gomes e Lázaro Vieira de Matos.

ças. E' que os soldados sofriam as mesmas agruras da campanha e compreendiam a situação dos pequenos comandos. Ao contrário, quando passávamos pelos estropiados, estendidos, febris e arquejantes, nas margens das estradas, êles eram os primeiros a dizer ao comando que, embora tarde, se reuniriam aos seus companheiros.

Essa foi a campanha empreendida em Goiás, território infinitamente grande, sol escaldante e solo pedregoso, em que a Fôrça Pública mais evidenciou seu preparo e conformação.

O Estado de Goiás, conquanto possuia recursos naturais promissores, naquela época longe estava de oferecer os recursos de que necessitava uma tropa em operações e, menos ainda, de ser pôsto em estado de defesa por 2.500 homens a pé, tomando-se por base que, um dos menores setores, o confiado ao 8.º B.C., que se encontrava em S. José do Tocantins, só tinha como ligação Amaro Leite, do 6.º B.C., à distância de 22 leguas, e a cobertura teria que ser feita por homens a pé.

No entanto, aprendemos muita coisa nessa jornada trágica... O fato positivo é êste: a tropa paulista penetrou em Goiás às cegas. Seus informantes ainda eram os melhores mapas da região, e tinham também servido como guias ao inimigo que buscávamos. Os fazendeiros procuravam colocar suas propriedades e haveres ao abrigo da investida da coluna rebelde e as tropas eram localizadas mais para protegê-los do que para escolha estratégica das posições. As comunicações eram feitas por homens a pé que tomavam o nome de positivos. E a coluna re-

belde locomovia-se a cavalo, com farta substituição.

Foi distribuído, a cada dois soldados da tropa paulista, um cavalo, para revezamento: 50 minutos a cada soldado e 50 para o cavalo, no qual era colocada tôda a carga. Cavalos vindos do Rio Grande, habituados a pastagens verdes, penetravam em Goiás em pastos torrados pelas sêcas e calor inclementes. Nenhuma forragem acompanhava a tropa e a imprevidência dos chefes teve seus reflexos nos corpos de tropa. Resultado: de saída os cavalos começaram a ficar estendidos pelas estradas, e como o arriamento não podia ficar perdido, ia para as costas dos soldados.

Quanto à alimentação, era feita uma só vez ao dia, quando a tropa chegava ao novo acampamento. E processava-se da seguinte maneira: ao levantar acampamento, era distribuído o café com bolachas e o grupo de instalação partia levando alguns legionários, encarregados da matança dos bois — um boi a cada companhia; o soldado chegado ao acampamento, cansado e estropiado, tinha que assar a carne para se alimentar, e os cavalos eram soltos. Porém, como os cavalos sentiam saudades do lugar de partida, durante a noite faziam o regresso por conta própria. Daí a necessidade do soldado acordar muito cedo para ir procurar o cavalo fugido. Era um caminhar que não acabava mais...

Isto vai neste relato, mais como ensinamento do que mesmo como crítica, visando quem quer que seja.

Eis, em síntese, o motivo ou os motivos, por que a coluna inimiga se esgueirou por entre a tropa da Fôrça Pública, deixando todos bo-



Estropiados em marcha através dos sertões goianos.

quiabertos e desnorteados. E' elementarmente sabido — e para isso não é preciso o soldado ser letrado — que os meios de comunicação fáceis e rápidos constituem o êxito das operações em campanha.

A estratégia determina que o Comando Superior se coloque no alto, de onde possa apreciar o panorama das operações, as tropas em presença e os lugares onde se vão ferir os combates, para que possa examinar a situação e pôr em execução os meios de que dispõe. Os Estados Maiores desempenham papéis importantes na equação dos meios de que dispõe o comando. A tropa era excelente, porém da execução não se pode dizer a mesma coisa. Entretanto, nada é perdido, principalmente aquilo que se aprende. Hoje, com os meios de que dispõem as Fôrças Armadas, qualquer coluna que tentasse realizar exemplos do passado, não sairia da intenção. Em tática e estratégia, nunca se poderá condenar o êrro, porque, obstinadamente, êle se repete, aproveitando-se dos imprevistos da luta.

Foi proposta ao comando das operações a única solução viável pa-

ra pôr fim à campanha. Esta seria real e insubstituível e não foi aceita não se sabe por quê. Consistia em colocar em extensão e profundidade a Fôrça Pública, de Amaro Leite a Paracatú, e requisitar todos os meios rápidos de transporte, que se encontrassem na região e em outros lugares, já que sòmente essa parte do território possuía boas estradas, e esperar pelo regresso do inimigo, que vinha tangido por coluna volante de patriotas, de Granja, Abílio Volney e Horácio de Matos. A Fôrça Pública não podia, por dever de profissão, se assenhorear dêsses meios de combate, e sim, procurar resolver os problemas da campanha, dentro dos moldes dos ensinamentos recebidos. A meu ver, foi seu único pecado e o que determinou o fracasso que calou fundo no espírito de sacrificio da tropa e assombrou a população paulista, que assistiu ao regresso dos soldados, que tanta alegria lhe causavam nas paradas do Hipódromo e nas manobras de dupla ação, nas circunvizinhanças da Capital.

Quanto mais se vive mais se aprende, eis a conclusão.

Conto de Natal



TUDO se enfeita, tudo se alegra. Jornais e revistas se acham repletos de histórias sôbre a data comemorativa do nascimento de quem revolucionou o mundo, moral e religiosamente, pregando o «Amai-vos uns aos outros». Os homens seguiram-lhe as palavras, amando tudo que representa valor material, menos o seu semelhante.

Natal — hiato na ambição — é quando a bondade e a caridade se apoderam dos corações, fazendo com que muitos dos indiferentes aos sofrimentos humanos se lembrem da sua existência, quer provocados pelos fantasmas dos Natais passados, como no conto de Dickens, quer penalizados pelo sofrimento do menino morto de frio, da história de Dos-toievsky, quer premidos pela sedu-

ção duma bela mulher que lhes pede um donativo para órfãos de pais mortos ou vivos.

Todos sonham ou se preocupam com o Natal.

Paulo Antônio também se preocupava com o Natal. Ora, si se preocupava !

Não que fôsse um garoto a sonhar com presentes de Papai Noel. Não. Filho de milionários, sempre fôra bem atendido quando requisi-tava (nunca pedira) a materialização de seus sonhos de criança mimada. Trens elétricos, bonecos mecânicos, carrinhos, fantasias de «cow-boy», espingardas de ar comprimido, estavam a um canto da garagem patenteando as alegrias fáceis dos natais que se foram.

P. A. tinha vinte anos e se preocupava com o Natal; não com a lembrança do nascimento de Jesus, que pregara na Judéia, tão afastadas no tempo e no espaço, aquelas teorias para mendigos e fracassados — «Amai-vos uns aos outros». Ele cumpriria, em parte somente, êsse «slogan»; êle amava tôdas as mulheres belas. Verdade que só amava e só fazia benefícios a mulheres que empregavam seu dinheiro em perfumes caros e em modelos de Paris. Também uma mulher sem êsses aparatos, sem êsses requintes, nem têm direito de existir!...

Êle estava preocupadíssimo, mas era com a festa do dia 24, ou melhor, com a noite de 24 de dezembro, em que vovó Tonica — a dona dos milhões — não permitia, em absoluto, que as «crianças» faltassem à Ceia de Natal. E ninguém se atreveria a contrariar aquela ditadora da família. Tudo contribuíra para que a mulher de seus sonhos marcasse o primeiro encontro para aquela noite. E, justamente, quando Papai Noel, além da oportunidade de inaugurar seu carro novo, ainda lhe ofertava um presente daqueles, êle não poderia comparecer à entrevista! Dos

dois lados as mulheres — ela e a avó — eram caprichosas e irredutíveis. Mulheres do diabo!

Estava nervoso, impossível; si pudesse atearia fogo em todos êsses imbecis pinheirinhos enfeitados.

.....

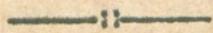
Quando o Luís entrara para motorista da vovó Tonica, êle tivera um palpite forte de que aquêle indivíduo trazia sorte. Tôda vez que Lulú lhe indicava uma «barbada», era infalível. Lulú dava mesmo sorte.

Pois é, Luís o tirara da enracada. Fizera-lhe, agora, um imenso obséquio, arranjando um desastre de automóvel em que morrera a vovó Tonica e o próprio Luís. Que sorte, bem no dia 23 de dezembro! 24, às 5 horas, entêrro. Mandaria uma rica coroa — «Ao Luís, saudades eternas de seu amigo P. A.».

Não, não ficaria bem uma coroa muito rica. Não mandaria coisa alguma. Existem tantos Luíses motoristas.

Que sorte. Além dos «millions» da velha, êle teria, agora, o «seu Natal».

Nascera mesmo com boa estrela!



Quem são os amigos da Etelvina?

CITO Jôx Parquetina

REUMATISMO

Flerts Neló
Capitão médico

Uma doença se transforma em problema social quando o indivíduo enfêrmo é um perigo ou uma carga para seus concidadãos. A moléstia chega a ser um problema industrial quando conduz à desorganização da indústria, à causa de abandono frequente ou prolongado do emprêgo. Estas são as definições de Fortescue Fox e que se adaptam perfeitamente ao reumatismo.

O reumatismo ataca, sem distinção de sexo, a crianças, jovens e anciãos, sendo que o maior número de enfermos são jovens, a quem inutiliza em grande parte ou totalmente para as atividades produtivas, no período mais ativo de sua vida; a sobrevivência é longa e a carga sobre a sociedade e a família é extremamente onerosa. A mortalidade infantil por doença reumática é superior a todas as outras doenças, sociais ou não; e as cifras são maiores de ano para ano.

O reumatismo não alarma tanto como a tuberculose ou o câncer. E' que se trata de uma doença menos dramática. Porém, o câncer agride a indivíduos, na generalidade, na etapa final de sua vida, e o reumatismo na juventude ou infância.

Nos últimos cinquenta anos, a incapacidade por tuberculose decres-

ceu, enquanto que a causada por reumatismo aumentou. Isto é devido, em parte, à maior duração da vida e a novas condições de trabalho. Na Alemanha havia, antes da guerra, três vezes e meia mais reumáticos que tuberculosos. Em Connecticut, Estados Unidos, para cada canceroso existem 12 reumáticos. Na Suécia, pagam-se indenizações por reumatismo que duplicam o valor das determinadas por tuberculose.

Nos Estados Unidos o Serviço de Saúde Pública concluiu em 1935-36, que entre as enfermidades crônicas o reumatismo é a primeira entre todas; é a segunda como causadora de incapacidade e invalidez, «incapacidade permanente» e causa de mortes. Entre 150 milhões de norteamericanos, existem oito milhões de reumáticos, número que é exatamente o dobro de seu rival mais próximo, a cardiopatia (4 milhões); chega a ser oito vezes superior ao número de cancerosos e ao de portadores de outros tumores que são cerca de um milhão; dez vezes superior à tuberculose em todas as suas formas (800.000) e mais de dez vezes superior à diabetes (760.000).

Essas cifras não requerem maiores comentários.

As doenças reumáticas são um problema militar!

Consultando-se o livro de Hollander, verificamos que nos 4 milhões de soldados do exército americano, na primeira guerra mundial, foram constatados 33.613 casos de artrite reumatóide e doenças degenerativas das articulações; 24.770 casos de doença reumática (reumatismo poliarticular agudo); 12.093 casos de fibrosites (reumatismo muscular); 7.895 casos de artrite gonocócica (blenorragica), 2.671 de tenosinovites (inflamações dos tendões ou bainhas musculares); 188 de artrite tuberculosa e 82 casos de artrite gotosa.

Aproximadamente 35 mil veteranos da primeira grande guerra foram dispensados do serviço por terem contraído moléstia reumática. Esses homens ganham uma pensão anual cujo total atinge a dez milhões de dólares.

Nas Forças Expedicionárias Inglesas (1940) 26 por cento de todos os pacientes internados em vários hospitais gerais, apresentavam perturbações reumáticas, sendo a mais comum a fibrosite (70%); a doença reumática apresentava um índice de 15%; a artrite reumatóide 9% e somente 6% apresentavam doença articular degenerativa, freqüentemente de origem traumática.

Entre os fatores militares que podem ser causadores do aumento da incidência de artrite reumatóide, devem ser considerados os distúrbios emocionais, exposição à humidade e à friagem prolongadas, a exposição às infecções das vias respiratórias, etc.

Como resultado da experiência adquirida pelo exército americano, na primeira guerra mundial, calcularam que na ordem de freqüência

na ocorrência de moléstias reumáticas, na segunda guerra mundial, seriam as fibrosites (reumatismo muscular) a mais comum, depois a doença reumática, artrite reumatóide, artrite infecciosa, osteoartrose (doença articular degenerativa), a gota e as artrites de origem tuberculosa e outras de causas menos freqüentes.

Para cuidar-se do grande número de soldados do exército americano, calculado que viessem a adquirir doença reumática ou outro tipo de reumatismo, na guerra de 39-45, nada menos de cinco hospitais militares foram organizados com pessoal e aparelhamento necessários ao tratamento, para esses casos.

Três desses hospitais foram encarregados do tratamento da doença reumática e os outros dois para o tratamento dos outros vários tipos de artrites e moléstias relacionadas.

Dados completos sobre a incidência da doença reumática, durante a guerra, não foram ainda avaliados, mas de 1942 a 44, inclusive, cerca de 15 mil casos foram comprovados no exército dos Estados Unidos.

Mais de 14 mil casos de artrite e doenças correlatas foram tratados nos Centros Reumáticos do exército e da marinha, no «General Hospital» em Hot Spring, Arkansas e no «Ashburn General Hospital», McKinney, no Texas.

A incidência relativa, das moléstias reumáticas, entre os soldados, não eram tão freqüentes, em alguns casos, porque, com o advento das sulfonamidas e da penicilina, foram reduzidas as artrites infecciosas (particularmente a gonocócica). Também devido a um melhor conhecimento, foram reduzidos em sua percentagem

os casos de fibrosites, por se poder fazer uma melhor diferenciação diagnóstica com o reumatismo psicogênico, (psico-neurose com referência de sintomas músculo-esqueléticos), pois que os oficiais médicos foram instruídos nesse sentido nos Centros Reumáticos do exército americano.

Os métodos de tratamento em grupo, ensinados a grande número de pacientes artríticos, de como «viver com a moléstia» e como «ajudarem-se», usados nesses Centros artríticos, poderão vir a estabelecer uma base para o tratamento nas clínicas civis.

Para concluir, digamos somente que em nosso país os poderes públicos e particulares começam a vislumbrar que o reumatismo é um problema social.

Em geral o reumático é o enfermo pior atendido, devido, em grande parte, à falta de elementos necessários para um tratamento adequado e em parte, não desprezível, à incompetência profissional.

A especialização reumatológica quase não tem êxito em nosso país; a reumatologia não é aceita como especialidade por todos os médicos, e mesmo os seus conhecimentos são deficientes e antiquados.

Por tudo isso os doentes chegam às mãos especializadas, não no começo, mas no fim de sua doença.

E' interessante recordar-se o lema da «Liga Internacional Contra o Reumatismo»: — «Tôda doença que tenha importância social deve ser combatida no início e não no fim».

Encerrando, pois, estes nossos artigos, chamamos mais uma vez a atenção daqueles que nos honraram com a leitura deste trabalho despretencioso, que o reumatismo deixou, há muito, de ser «uma doença de gente velha», que se tratava em casa; é um perigo para a juventude, e que só a mão de um especialista atilado está em condições de poder salvar aquêle que será sempre um ônus e um pesadelo para a família.



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

TRIANGULO



Para que esta marca esteja em

BOAS MÃOS

pagamos o que custa o serviço!

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada voo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em todas as ocasiões o *Conforto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

Recife? Belém?

Sirva-se dos luxuosos

"Skymaster" da

AEROVIAS BRASIL

R. Libero Badaró, 370

Fones: 32-5133 e 34-6000

Encomendas:

Fones: 36-2960 e 36-4302

AEROVIAS BRASIL

Chave dos bons caminhos

PANAM - Casa de Amigos

PAULO AFONSO

Cel. Tenório de Brito

EMBALADO pela magnificência das estrofes sem rivais de Castro Alves, a esperança de conhecer Paulo Afonso tornou-se-me na vida um pensamento constante.

Nascido e feito homem nas margens do Ipanema, humilde tributário do São Francisco, não me foi possível chegar ao rio lendário durante os 21 anos que vivi na minha saudosa Joazeiro, velha fazenda de meus pais, situada no município da Pedra, Estado de Pernambuco. E' que naqueles idos que já se distanciam tanto, ásperas eram as viagens, feitas a cavalo, através de regiões secas sendo escassíssimos os recursos indispensáveis ao homem quanto à montaria, nas longas travessias do sertão deserto.

Quando me foi dado o inigualável prazer estético de contemplar Paulo Afonso, já os meus olhos se haviam deslumbrado diante do Iguaçu, das Sete Quedas, do Marimbondo, do Avanhadava, do Urubu-Pungá, do Salto Grande e de tantas outras cachoeiras de proporções menores; já navegara várias caudais brasileiras, delas se destacando o Paraná — o mais belo, suave e sugestivo rio do Brasil — isto até Guaira, bem entendido, eis que da em diante, vencidas as corredeiras das Sete Quedas, altera-se-lhe a fisio-

nia, perde a serenidade habitual, tornando-se o mais desagradável de todos.

Concluída a ligação rodoviária Norte-Sul, foi possível a coordenação de um plano de viagem que abrangesse, pelo interior, as regioes que se estendem desde a Paulica até Fortaleza, aspiração essa que por muitos anos acalentei.

Estudei, sobre o itinerário a seguir, as etapas diárias a fazer e às 6 horas do dia 6 de janeiro de 1952, transpunha o Ford 51 a Ponte das Bandeiras arfando ao pso de uma lotação completa. Viajavam em pleno regime de solidariedade com o que desse e viesse: o autor destas linhas e senhora, professor Fausto Ribeiro de Barros e senhora, srs. Tito Lívio Ferreira e Narciso Dal'Molin.

O primeiro pouso que tivemos foi em Leopoldina, sendo o segundo em Teófilo Otoni, para alcançarmos, às 12 horas do terceiro dia, a cidade de Pedra Azul onde nos esperava a fidalga hospedagem do deputado coronel João de Almeida.

Pedra Azul  um milagre de energia e civilização, com o bom hotel que tem e demais condioes favoráveis. ltima cidade mineira sobre a rodovia Rio-Bahia, apresenta-se ao viajante como um oásis naquelas pa-

ragens de rara beleza panorâmica — o que aliás se verifica com todo o vale do Rio Doce, que atravessamos.

Região de boas terras, com regular rendimento agrícola, a criação de gado aí se desenvolve com extraordinário vigor. Além disso, localizam-se no município importantes jazidas de pedras preciosas com abundante produção de puríssimas águas-marinhas.

Uma direção política de visão superior orienta a população em sentido liberal e progressista, levando Pedra Azul a destacar-se dentre as cidades de sua categoria, no Norte de Minas.

Aí, nesse agradável recanto das gerais e sob os desvelos do anfitrião amabilíssimo, passamos o resto da tarde retomando na manhã seguinte o roteiro da viagem.

A noite chegávamos à Feira de Santana para, às 9 horas do outro dia — o quinto da saída de São Paulo — alcançarmos Salvador. Na velha e simpática capital da Bahia passamos três dias de intensa atividade. Visitamos os seus monumentos históricos, as suas belíssimas praias, os seus logradouros públicos onde palpitam ricas tradições. Acompanhamos os passos de Castro Alves, indo ao local onde se ergue o bronze que aponta à posteridade; à Boa Vista, ao Sodré. Conversamos com d. Anfrínia Santiago, historiadora e genealogista e a maior autoridade no Brasil em assuntos relativos à vida do poeta imortal. Dois dias seguidos almoçamos pratos característicos da culinária baiana, graças à gentileza dos amigos Luís Camerino e dr. Milton Vilas-Boas, e estivemos em Can-

deias e Mataripe, onde mergulhamos as mãos no petróleo ainda bruto, extraído das entranhas da terra brasileira.

Novamente em Feira de Santana, embocamos na Transnordestina, a estrada lindeira de vários Estados e que atinge a capital do Piauí em retas imensuráveis, obedecendo a sua construção a rigorosas normas técnicas. No transcorrer do seu longo percurso, tem o viajante a oportunidade de apreciar tôda a bravía natureza nordestina, nos seus mais expressivos aspectos.

Apresenta-se a caatinga com a sua peculiar fisionomia e o drama humano, cujo conhecimento teórico a leitura nos sugere, patenteia-se aos nossos olhos em plena realidade dantesca.

A tarde transpúnhamos a ponte sobre o Vasa-Barris, e o canhão que em Canudos ficara abandonado — transformado hoje em monumento às vítimas da incompreensão dos homens — sem distinção de partidos — se nos depara solene, montado em pedestal de granito, de boca para o alto, clamando aos céus, graças à patriótica e generosa inspiração da diretoria dos serviços de construção da estrada. Mais duas pousadas, na Barra do Tarraxil, à beira do São Francisco que atravessamos cedinho, em balsa e outra em Icó, chegamos a Fortaleza que divisamos aos últimos clarões da tarde, envolta em todo o esplendor de sua graça de «noiva do sol».

Em sessenta horas que passamos em Fortaleza, percorremos-lhe com prazer os pontos pitorescos que resumem aliás, a totalidade da interes-

sante cidade. Vimos as obras do cais em construção, estivemos na praia de Iracema e nos assentamos nos bancos da Praça do Ferreira. Visitamos o Instituto Histórico e fomos recebidos na Casa de Juvenal Galeno.

Dobramos a dívida de gratidão que nos prende a velhos amigos: coronel Cintra Colares e os Magalhães, Edmundo e Carlos, os quais nos proporcionaram emocionante peixada à «jangadeiro», a melhor caldeirada que se pode imaginar, nos domínios da culinária. Ficamos conhecendo novos elementos da elegante sociedade da terra da luz, da qual nos despedimos com saudades em demanda de Natal que alcançamos em dois dias através da caatinga mais característica do Nordeste. No primeiro, depois do almoço em Mossoró, fomos ao encontro das salinas e observamos de perto, em tôda a sua plenitude, a famosa miragem do deserto — extraordinário fenômeno que jamais desaparecerá da retina de quem o viu.

Espalhada a notícia de nossa presença no Grande Hotel, recebemos a visita do governador do Estado, por intermédio de um dos seus secretários, o ilustre dr. Hélio Galvão, que tão útil nos foi, como solícito cicerone, pondo ao alcance das nossas vistas o que Natal possui de mais interessante à curiosidade do forasteiro. Espírito inteligente e culto, deixou-nos igualmente a par da situação econômico-social do Rio Grande do Norte, esclarecimentos esses ampliados pelo eminente chefe do governo, dr. Sílvio Pedroza, por ocasião da visita de agradecimento que lhe fizemos.

Como em Fortaleza e depois no Recife, os srs. Carneiro, Gentil & Cia. e Fonseca, Irmãos e Indústria e Comércio S.A., agentes da Ford, nada cobraram pela eficiente assistência que prestaram ao nosso automóvel.

Na capital potiguar foram além os srs. J. L. Fonseca & Cia., nesse páreo de atenções: deram-nos a saborear a famosa peixada «Comadre» que é o maior acontecimento gastronômico local. Ainda mais: estiveram presentes ao jantar, que transcorreu animadíssimo, além dos anfitriões, figuras representativas do mundo intelectual da terra entre os quais Luís da Câmara Cascudo, Clovis Cirilo da Silva, Frildo Monteiro e José de Almeida.

Atingindo a capital da Paraíba por volta de treze horas, procuramos a sombra de ramalhudas árvores onde deixamos o automóvel, dirigindo-nos para a sorveteria que se via ao centro do belo logradouro público que existe ao lado.

O sol ardentíssimo, o calor sufocante e a sede que nos atormentava, levaram-nos a procurar esse ponto refrigerante. Acontece, porém, que tudo isso: rua sombreada, logradouro público e sorveteria, demoram ao lado do palácio do governo — coisa que ignorávamos. Resultado. Minutos depois éramos procurados pelo coronel Ramalho, chefe da Casa Militar do governador, que vinha da parte de s. excia. convidar-nos a ir até ao Palácio. O traje de viagem que envergávamos, o pó que trazíamos no rosto, o caráter estritamente particular de nossa excursão, de nada valeram como argumento de excusa.

Dai a pouco estávamos em frente ao sr. José Américo de Almeida que nos cumulou de gentilezas, considerando-nos hóspedes do Estado e pondo à nossa disposição dois dos seus secretários, os drs. Luís Rodrigues de Souza e Oscar de Castro, para o fim de nos mostrarem a sua bem cuidada cidade, inclusive a encantadora praia do Tambaú, com o cabo Branco ao lado, imponente e solene, avançando pelo mar a dentro.

Rápida foi a nossa passagem pelo Recife. Os companheiros que ainda não conheciam a Veneza Americana aproveitaram-se quanto possível do tempo disponível para conhecer-lhe os bairros elegantes, a sua sugestiva paisagem histórica, a começar pela legendária Olinda, a maravilhosa praia de Boa Viagem, onde um romântico uisque com água de côco permitiu melhor fixar aquêlê cenário sem igual. Depois de um jantar com o casal Teófilo Cortizo e de uma hora de saudade com os primos monsenhor Elísio Cavalcanti e o padre Júlio - novamente na estrada, rumo do sertão. Em Pesqueira, Alagoinha, Pedra e Arcoverde, passamos três dias, percorrendo caminhos e revendo paisagens familiares; avistando-me com amigos muito caros ao meu coração: minha irmã Umbelina, última, comigo, dos irmãos, que eramos seis; os primos Rogério e Dídia, Ambrozina e Tetê; sobrinhos e afilhados e os José de Almeida Maciel, os Austricínio de Oliveira Galindo, os Paulo de Assis e quantos, quantos outros. Manifestações carinhosas, expressões de bondade, atenções cordiais, marcaram as horas de emoção que com todos passei.

Em seguida, Paulo Afonso. Perito de trezentos quilômetros, saindo de Arcoverde, em região de caatinga, deserta e áspera, foram vencidas até às 11 horas. Alojados na Casa Grande, logo depois do almoço éramos recebidos pelo dr. José Gomes Barbosa, assistente do diretor administrativo, engenheiro Adozindo de Oliveira, de quem levávamos apresentação. Levou-nos Gomes Barbosa à presença do diretor técnico, dr. Otávio Marcondes Ferraz, paulista de Piracicaba e autor do grandioso plano das obras ciclópicas que ali se realizam, de submissão do indomável Paranatinga dos brasilíndios cu o São Francisco do conquistador branco. Prestou-nos, o dr. Gomes Barbosa, inteligentes e completos esclarecimentos sobre quanto ora se faz em Paulo Afonso, quer na parte técnica, quer no campo social - na improvisação de uma cidade modelo que abriga quatro mil trabalhadores com suas famílias morando em casas confortáveis, dispondo ainda de assistência médico-hospitalar, igreja, escolas, cinema, esportes, etc.

Foi com extraordinária emoção que nos aproximamos das lendárias cataratas sobre as quais um viajante escreveu: «Paulo Afonso vê-se, sente-se, não se descreve». Não pretendo, aliás, dizer qualquer coisa em relação à maravilhosa queda d'água brasileira. Dela falaram os meus companheiros de viagem: Tito Lívio Ferreira — eleito o Pero Vaz Caminha da nossa expedição - publicando em A GAZETA de fevereiro, março e abril de 52, aos sábados, a magistral reportagem que tanto sucesso alcançou; Fausto Ribeiro de Barros, nas suas lições objetivas, exibindo aos

alunos da Escola Modelo Caetano de Campos, vistas fotográficas tiradas no local e Narciso Dal Molin, na interessante palestra que realizou na T.V. da Rádio Tupi.

Encontramos o dr. Otávio Marcondes Ferraz bastante contrariado. Desde a primeira visita que lhe fizemos já ele nos manifestava o seu desgosto pela entrevista que o sr. Clemente Mariani concedera a um jornal de Salvador sobre a proposta que pouco antes apresentara à Cia. Hidroelétrica do São Francisco a Reynolds Corporation, e a interpretação que lhe dera o antigo ministro da Educação. O caso é fácil de ser resumido. A companhia norte-americana fundamentava a sua petição dizendo mais ou menos o seguinte: o mundo tem fome de alumínio e a única região do mundo que está em condições de saciar essa fome é o Brasil, com Paulo Afonso. Em seguida passou a proponente a especificar as condições recíprocas do negócio que oferecia à Hidroelétrica do S. Francisco. E' sabido que as obras em vias de conclusão se referem apenas à primeira fase de captação do potencial elétrico de Paulo Afonso, calculado num total de um milhão de cavalos-fôrça. Essa primeira fase renderá cerca de trezentos mil cavalos, fornecendo eletricidade a cinco capitais de Estados nordestinos: Salvador, Aracajú, Maceló e João Pessoa, ficando de fora Natal, Fortaleza e Terezinha. Conhecendo bem a situação brasileira, se propunha a empresa norte-americana a construir imediatamente a segunda fase, da qual passaria a consumir duzentos

mil, ficando o restante, mais de cem mil cavalos-fôrça, para atender aos centros de população acima enumerados. Com a execução desse trabalho e a instalação, nas imediações, da usina de alumínio e serviços acessórios, como a extensão nos mesmos moldes da atual cidade de Paulo Afonso, de forma a conter o dôbro do pessoal que lá moureja, duas estradas de ferro, de alto rendimento, ligando a usina aos portos de Salvador e Recife; campos de aviação, etc., tem a Reynolds Corporation um orçamento de oito bilhões de cruzeiros a serem aplicados no empreendimento gigantesco. Sendo a usina elétrica patrimônio da Cia. Hidroelétrica do São Francisco, seria a Reynolds reembolsada do capital empregado na parte objetivo da proposta, com o fornecimento de fôrça à sua indústria. Esclarecia ainda a empresa norte-americana que, se destinando inteiramente a produção de alumínio aos mercados estrangeiros, a necessária matéria prima viria das jazidas que possui nas Guianas, nada tendo a receiar o mercado interno, nem do ponto de vista da concorrência comercial, nem quanto à hipótese do esgotamento de qualquer fonte de extração de bauxita, existente no país.

Essa, em linhas gerais, a proposta de Reynolds Corporation. Seriam técnica e dinheiro em abundância que entrariam no Brasil - coisas de que tanto necessitamos. Passaríamos à condição de grande exportador de alumínio e como atualmente acontece em relação às obras de Paulo Afonso e nos campos petrolíferos de Candeias e Mataripe, onde a totalidade da mão de obra é na-

cional, solveria de pronto a cotação do trabalhador nordestino.

Ao estudioso, isento de paixões, a situação se define clara, plena de vantagens para o Brasil.

E no complexo de condições que se encerra na proposta em apreço, dir-se-ia que os maiores benefícios dela decorrentes ainda atingiriam exatamente o Nordeste - região do país onde densa população se debate em permanente crise econômico-social, como é sabido. Por que então não se concretiza em contrato cuidadosamente elaborado, esta recíproca e interessante aspiração de trabalho, de progresso e de riqueza ?

Dos debates que se têm verificado na imprensa, no parlamento e em determinadas rodas governamentais sobre o assunto, duas são as cau-

sas que entravam o carro de uma combinação satisfatória. Uma, ligada à indústria similar que se pretende fundar no país e que se arrasta, há anos, incapaz de sair do terreno da construção dos barracões que abrigarão o maquinário. A outra se prende ao estreito nacionalismo que vem orientando certas esferas oficiais para o qual o «petróleo é nosso» - lá nas profundezas da terra, bem como nossa é a força hidráulica que emana das caudais que através de saltos colossais, inútilmente se lançam no oceano.

Sem o capital necessário às pesquisas que se fazem mister e dominado em parte por essa mentalidade cabocla que por aí rasteja, o Brasil continuará, sempre, como o País do Futuro...

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Aguai — Cachoeira Paulista — Guaratinguetá — Jacarei — Lorena — Paraibuna — Pindamonhangaba — Roseira — Santa Branca — Santa Izabel — São Bento do Sapucaí — São José dos Campos — Taubaté.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47

Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial .. 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681



SECCÃO *feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

RITA DE CÁSSIA
Redação de "Militia"
Rua Alfredo Maia, 106
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

RITA DE CÁSSIA

(Bacharelanda da Escola de Jornalismo "Casper Líbero" da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

FATO EM FOCO:

São Paulo, às vésperas de seu quarto centenário de fundação está comemorando, mais condignamente, o seu Natal de 53.

Em todos os recantos aprasíveis da cidade foram colocados Papais Noel, árvores com enfeites luminosos e outros objetos que, com seu brilho e beleza, alegrem as ruas, praças e avenidas, constituindo motivos de alegria para todos os paulistanos. Feliz iniciativa, esta do prefeito da Capital.

Até as vitrinas estão sendo arrumadas com mais amor e carinho, neste ano que se finda.

Enquanto isso tudo acontece em nossa capital, onde as lojas, abertas até às 22 horas, estão sempre repletas de pessoas, que buscam presentes para os seus entes queridos, esta cronista, não podendo se esquecer de suas gentis leitoras, aproveita esta ocasião para desejar a tódas um "MUITO FELIZ NATAL", e "PRÓSPERO ANO NOVO".

Que o ano de 1954 traga a tódas vocês inúmeras alegrias...

RITA DE CÁSSIA

SER OU NÃO SER

O relógio mais original do mundo foi construído recentemente pelo relojoeiro alemão Michael Waitz, natural da cidade de Heildeberg. Mede 4 metros de altura e marca, com precisão, a hora, o dia, o mês, a estação do ano, a fase da lua, a hora da saída e entrada do sol, as condições do tempo e a temperatura. A cada minuto uma campainha emite um som; em cada quarto de hora aparecem uma criança, um jovem, um homem maduro e um velho. De hora em hora surge a "morte" com seu alfange e sua t'nica branca, que declara morta a hora que passou.

Pela sua perfeição e originalidade, foi êsse relógio avaliado em quatro milhões de cruzeiros.

oooo0000

A espôsa do marajá Grekwar, do Estado indiano de Baroda, possui um colar feito de 600 diamantes. Faz parte dessa jóia, como pedra principal, o quinto diamante do mundo, o célebre "Estrê-la Azul", encontrado no Estado de Minas Gerais.

oooo0000

Confrontando os resultados dos censos de 1872, 1890 e 1940, chega-se à conclusão de que a porcentagem da popula-

ção branca, no Brasil, está em franco aumento, ao passo que a negra se man-

tem mais ou menos estacionária, e a mestiça decrece.

LIVROS DE BARRO

Desejoso de guardar e, ao mesmo tempo, ter sempre à mão aquelas listas, relatórios e formulários que diziam respeito à chefia dos exércitos, à vontade dos astros e à administração, Assurbanipal, rei da Babilônia, mandou construir uma biblioteca. Funcionando em seu fabuloso palácio em Ninive, essa biblioteca, organizada no ano 650 a. c., chegou a ter no seu melhor período, cerca de 31.000 tabuletas de barro, que continham quase tudo que se havia escrito que fôsse de utilidade para o rei.

Anos depois, Ninive foi completamente destruída, salvando-se apenas essas tabuletas, desprezadas pelos guerreiros inimigos.

No esquecimento dos séculos elas chegaram até o ano 1887, quando foram descobertas e em parte decifradas. Foi graças a elas que se tornou possível reconstruir aquela esplêndida civilização desaparecida.

ELEGÂNCIA E PERSONALIDADE



PÉS DE PAVÃO

Eu não sei se você já viu um pavão. Com certeza já deve ter visto essa ave, que pode ser considerada, sem favor algum, a mais bonita da fauna brasileira. A gente não cansa de admirar-lhe a elegância do porte, a beleza do colorido de sua cauda e a variedade de seus dese-

inhos. Pois bem, tudo vai maravilhosamente até que olhamos para os pés do "bicho".

Sem que possamos nos conter, soltamos um suspiro, que ao mesmo tempo traduz toda a pena e o desapontamento que nos vai na alma... E sabe porque?

Esta linda ave, tão orgulhosa de sua bela plumagem, possui os pés pretos; pretos e irremediavelmente feios.

Desejando evitar que isso lhe aconteça, é que hoje publicamos, nesta seção, dois tipos diferentes de calçado, mas que combinam perfeitamente com as tuiletas usadas pelos modelos femininos. Verifique por si mesma, si é ou não verdade o que lhe afirmamos.



SEMPRE AS MULHERES

A mulher. Tema eterno de poesias, romances e, principalmente, de comentários maldosos. Mas, tenhamos espírito esportivo, e conheçamos alguns pensamentos irônicos a nosso respeito.

Quando uma mulher sai para passear, deixa na cozinha sua cara habitual e, de sua caixa de maquiagem, extrai a sua fisionomia de luxo, para ocasiões apropriadas...

★

A mulher de 20 anos nunca pensa que algum dia terá quarenta. Em compensação, muitas mulheres de 40 anos pen-



★ ★ ★

sam que ainda têm vinte...

★

Há mulheres que param diante das vitrinas, para que os manequins as contemplem...

★

O coração da mulher é proporcional à quantidade de ouro que o marido depõe a seus pés...

BOM-TOM

1) Se tem amigos recentes, não os tome por confidentes e nem seja muito franca. Isso por um princípio de educação e de prudência, pois nunca se sabe com quem se está lidando.

2) Para uma festa ou reunião, não convide muita gente. Limite os convites ao número de pessoas que possa caber em seu lar, sem constrangimento ou desconforto.

3) Não forme rodinhas, quando em festas. Esse proceder é uma incorreção que tem somente justificativa em pessoas sem traquejo social. Significa impolidez para com os demais convidados e até mesmo para com os próprios donos da casa.

4) Ao conversar, não desvie, jamais, os seus olhos do seu interlocutor. Caso isso aconteça, estará dando não só provas de má educação, como também deixando entrever que não quer ser franca. Mesmo que esteja sendo obrigada a contrariar, negar ou explicar, não desvie a vista.

5) Quando você fizer uma pergunta e o interrogado, em lugar de dar uma resposta, passar a outro assunto, somente insista se o conhecimento da matéria fôr de grande importância. Caso contrário, respeite a atitude do interlocutor, pois ele pode muito bem ter motivos que o impeçam de responder.

★ ★ ★

Há quem diga e afirme que superstição é bobagem, é coisa de pessoa inculta, de mentalidade estreita, e não sei mais o que. A verdade, porém, leitora, é que sempre procuramos alegrar os nossos dias livrando-nos, o mais possível, das más influências. E isto não constitui crime algum.

Uma dessas crendices, produto apenas da fantasia feminina, é que dá sorte estrear-se vestido novo no dia de Natal e no Ano Bom. Todavia, a imaginação fértil das mulheres não chega apenas a este ponto, como era de se esperar; vai mais além. Acrescenta que aquele que estiver com a gente, na hora da passagem do ano, permanecerá junto a nós durante o ano todo.

Leitora, eu não sei se você acredita nessas coisas tôdas. Mas, como o meu desejo é auxiliá-la, deixo aqui dois lindos modelinhos, que servirão para torná-la ainda mais bonita aos olhos de seu amado.

2) E para você, minha amiguinha, que não pode dispor do dinheiro necessário à aquisição de tão luxuoso vestido, aqui está um modelinho gracioso, simples e bonito. Confeccionado em organza cinzenta, está este vestido destinado a transmitir "charme" à pessoa que o usar.



1) Vaporoso e lindo, este modelo de apresentação primaveril foi confeccionado com "tulle champagne" e renda em forma de bordado, a qual domina quase todo o vestido. A bonita peliça, que o modelo carrega no braço, representa o que há de mais fino e elegante em matéria de complemento de tualetes "chics".



RECEITUÁRIO AMOROSO

Desesperada — (Capital) — Franca-mente, não sei o que você deseja, para se certificar de que o rapaz é um doidivanas. Se a própria mãe de seu noivo lhe avisou que ele é um jogador de cartas e frequentador costumaz do Joquei Clube, e que o seu vício não tem remédio, pois seu pai morreu numa mesa de jogo; se as informações obtidas pela sua progenitora confirmam plenamente estas verdades; se os próprios amigos afirmam que o rapaz é um caçador de dotes, que é que você espera para romper o noivado? Além disso, só a pressa que ele está demonstrando para casar, já serve de prova da sua má intenção. Se não tem culpa no cartório, por que não espera pelo consentimento de seus progenitores?

Minha amiga, deixe-se de ilusões; nunca ouvi dizer que um jogador investido se regenerasse, pelo amor de uma mulher. Não tenha dúvida. Alguns meses depois de casada, você não terá mais um vintém sequer. E não vá me dizer que pode casar com separação de bens, pois eu lhe responderei com uma pergunta. Que você preferirá, quando isto

acontecer? Pagar as dívidas do jogo de seu marido, ou deixá-lo ir para a prisão?

Acerte esta cabecinha, esqueça o rapaz e espere, pois certamente encontrará alguém digno de você e capaz de fazê-la feliz, o que de maneira alguma éste seu noivo conseguirá...

Jardineira — Londrina — Est. do Paraná — Quando for tratar do jardim, tenha o cuidado de cravar as unhas em um pouco de sabão mole. Com isso evitará que penetre terra e outras sujeiras sob as unhas. Sempre às ordens.

Djalma — Rio de Janeiro — Se a garota não quer mais receber seus telefonemas, por não gostar de manter conversação telefônica com quem não conhece, por que você não procura alguém que lhe possa apresentar, já que tanto deseja namorá-la? Acho que a moça tem toda razão em assim proceder; mostra que não é leviana, como infelizmente acontece com a maioria das filhas de Eva. Avante, rapaz. Procure aproximar-se dela e depois me escreva dizendo em que deu o meu conselho...Boa sorte.



PRESENTE DE NATAL

DESDE os remotos tempos da antiguidade, costumavam os vassalos presentear seu senhor feudal. Pois bem, após o aparecimento do catolicismo, esta prática intensificou-se. Não somente distribuíram-se presentes aos servos, mas também aos amigos da família e até aos seus próprios membros.

Por motivos religiosos, o dia escolhido para tais demonstrações de carinho e amizade foi o de Natal-dia em que se comemora o nascimento do Salvador da humanidade.

Aproveite esta ocasião, prezada leitora, e dê aos seus entes queridos uma lembrancinha qualquer; não precisa ser coisa muito cara, mesmo porque a época não comporta tais despesas, mas um presentinho que indique o carinho e a atenção com que você se lembrou dos seus parentes e amigos.





Fixa



Perfuma



Tonifica



os cabelos

PETRÓLEO

JUVENIA



CONSELHOS E SUGESTÕES

1. Para conservar o aroma e o sabor do azeite, deve-se conservá-lo em recipientes de vidro ou de lata, porque os de outros metais, e até mesmo os de madeira, não dão bom resultado.
2. Nunca se deve preparar ou guardar limonada em recipientes de estanho ou de folha, porque o o sumo do limão ataca esses metais, produzindo um tóxico capaz de causar diversos males ao organismo.
3. O pão amanhado não perde nenhuma das suas qualidades nutritivas, isto é, as proteínas, carboidratos e gorduras, que determinam sua produção de calorías. Está provado, por outro lado, que o pão de um ou mais dias é mais digerível do que o pão fresco.
4. Quando um oleado está sujo, passe-lhe um pano embebido em uma mistura de vinagre e água quente. Limpa magnificamente.

ENRIQUEÇA SEU "MENU"

Leitora, as festas estão aí e você, certamente, está perguntando, a si mesma, o que irá fazer para a Ceia de Natal. Um peru recheado? Seria o ideal, mas custa tão caro e o dinheiro está tão curto!... Que fazer, então? Pois bem, atendendo a esta sua dúvida e pretendendo resolvê-la, é que publicamos esta mesa repleta de iguarias deliciosas, baratas e fáceis de serem feitas. Senão vejamos.

Temos aqui umas rosquinhas que podem ser feitas com leite, farinha de trigo, açúcar, pó "Royal" e, se desejar, algumas gotas de essência de baunilha. Depois de prontas, você poderá espalhar um pouco de açúcar sobre elas. Os pratos de salgado nada mais representam que uma boa salada, e uns sanduíches de pão torrado com pequenos bifés, rodela de tomate, queijo, couve-flor e azeitona. Como sobremesa, pequeninas tortas de leite, chocolate e ameixas, cobertas com suspiro e rodeadas por castanhas, nozes, avelã, etc. Como aperitivo, vermute, gim e rodela de limão.

E, como complemento essencial, você poderá colocar, sobre a mesa, algumas castanhas cozidas ou assadas no forno, frutas características e algumas garrafas de vinho. E está resolvido o problema...

TORTA DE CERFJAS

Ingredientes: - Massa

2 ovos; 1 xícara de açúcar; 1 copo de leite; 1 colher de sopa, bem cheia, de manteiga; 3 xícaras de farinha de trigo, e 1 colher de sopa de pó "Royal".

Recheio:

300 g. de cereja; 1 cálice de licor ou vinho licoroso e 1 1/2 xícara de açúcar.

Modo de fazer

Massa:

Bate-se a manteiga com o açúcar e, separadamente, as claras, às quais se juntam as gemas. Quando tudo estiver bem batido, misturam-se os ingredientes e torna-se a bater. Em seguida acrescentam-se o leite e a farinha de trigo, que deve ser peneirada. Por último, adiciona-se o fermento em pó.

Depois de pronta a massa, forra-se uma fôrma, previamente untada com manteiga, com porções da mesma, reservando-se um tanto indispensável à cobertura da torta.



Recheio:

Faça com as cerejas, o açúcar e o licor, uma calda que deverá ser levada ao fogo para engrossar. Quando estiver no ponto, retire-a e a deixe esfriar.

O recheio deverá ser colocado no centro da massa, espalhando-o depois, cuidadosamente, para os cantos da fôrma. Em seguida, com a porção restante da

massa faz-se um pequeno rolinho e, com as pontas dos dedos, forma-se um enfeite como o da figura. Leva-se ao fogo não muito quente, para que a massa possa ficar bem assada.

Se tiver, utilize neste caso uma fôrma "Pirex", pois através do vidro você poderá observar, só retirando a torta do forno quando a massa estiver dourada, por baixo e por cima.



PASSATEMPO

RESPONDA SE SOUBER, e certifique-se da sua capacidade em assuntos históricos, no canto da página:

1) Pequeno, barrigudo, após uma revolução dominou por muito tempo uma nação. Foi deposto, governou e tornou a recolher-se a um retiro longínquo.

2) Era o único que sabia onde estava uma coisa, atrás da qual todo mundo andava.

3) Começou pintando paredes e acabou pintando o diabo, no mundo inteiro.

4) Era gago, mas apesar disso veio a ser o maior orador da antiguidade.

4) Demostenes — sábio grego

3) Hitler

2) José, Américo de Almeida

1) Napoleão Bonaparte

Destinos

*Recordação!... Partimos para a serra!
Nossas almas, tão cheias de alegria,
Bebiam a clara luz, de cada dia,
Ao contemplar as mônadas da terra!*

*Nos altos cumes, onde o olhar se aterra,
Víamos majestosa fantasia,
Descortinar a sacra alegoria...
— O poder que a divina mão encerra!*

*Embalados por sonhos supernais,
Seguimos... a escutar a voz da vida...
— O éco de sinfonias naturais!*

*Seguimos... Porém, tudo tem um fim!
Ao parecer mais forte, eis que partida
Vimos a nossa torre de marfim!*

Cel. A. Feijó

Decálogo preventivo contra incêndios

- 1) — **NÃO** deixe fósforos ao alcance das crianças.
- 2) — **NÃO** saia de casa sem antes verificar se não esqueceu o ferro elétrico ligado ou a torneira de gás aberta.
- 3) — **NÃO** faça ligações elétricas “de emergência”; procure sempre técnicos competentes para fazê-las em definitivo.
- 4) — **NÃO** faça concorrência aos fabricantes de cêra, tentando fabricá-la em sua casa; essa economia não compensa o grande risco de um incêndio.
- 5) — **NÃO** jogue palitos de fósforos e pontas de cigarro usados, sem antes verificar se estão completamente apagados e escolha o lugar onde jogá-los.
- 6) — **NÃO** queira substituir o fuzível queimado por uma moeda ou outro recurso caseiro; use um fuzível novo e de capacidade adequada.
- 7) — **NÃO** trabalhe com material inflamável ou de fácil combustão sem antes certificar-se de que não há fogo por perto.
- 8) — **NÃO** queira dar uma “fumadinha” durante os instantes em que o tanque de seu automóvel está recebendo gasolina.
- 9) — **NÃO** guarde cêra, gasolina para limpeza, solventes ou álcool em lugares próximos de fogo e do alcance de crianças.
- 10) — **NÃO** solte balões nem queime fogos; ambos provocam acidentes dos mais graves, levando a destruição, o desemprego e a miséria a muitas famílias.

A IMPRUDÊNCIA e o DESCUIDO constituem os MAIORES INIMIGOS de sua VIDA, de seu LAR e de seu BOLSO !

Contribuição de «MILITIA».



N A T A L!

Como que se sublimou a alma cristã, mais uma vez, e a humanidade sorriu, em festas.

Natal! O Menino Jesus encontrou abrigo no coração do homem, e houve paz de espírito, e bondade, e sentimentos nobres, e amor ao próximo. Até o reconhecimento da grandeza infinita de Deus não faltou às consciências... Humanizou-se o homem, por instantes, e a Terra, feliz, como que arremeteu aos Céus, consubstanciando mensagens de amor ao Cristo, clarinas festivas.

Natal! E' quando a alma da cristandade se engalana para sentir o ressurgimento, no horizonte nublado, do clarão esplendoroso do Bem. E' quando esperanças multifárias se derramam pelas vastidões e amenizam, como bálsamo sagrado, a angústia da humanidade inconseqüente.

Salve, Natal!



Tal como nos anos anteriores, os Serviços e Unidades da nossa Fôrça Pública festejaram o Dia de Natal. Os clichês que estampamos dizem, expressivamente, do brilho daquelas festividades.

Gentileza de "A Gazeta"

No Corpo de Bombeiros, confraternizados, Papai Noel e a petizada feliz.



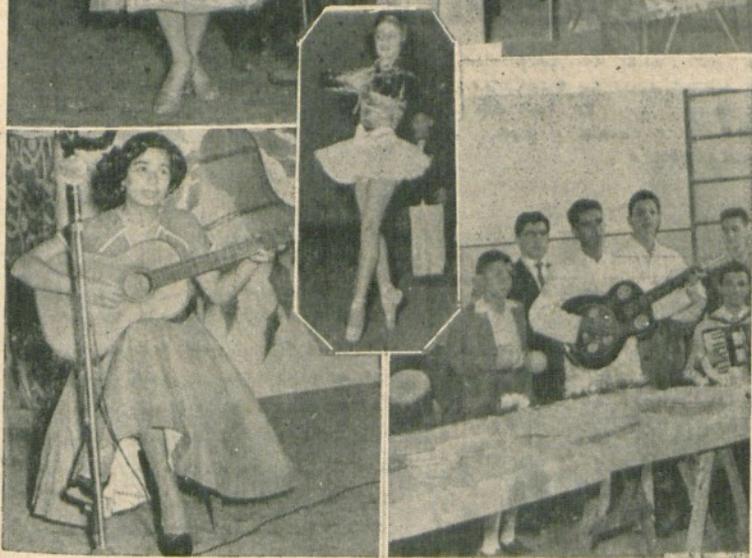


Nada faltou em nossos quartéis. O contentamento da petizada foi contagiante, porque Papai-Noel distribuiu guloseimas a granel e brinquedos a mancheias. Música. Humorismo. Risos. Alegria no ambiente e festa nas almas. Por que não dizer que os "grandes" também se divertiram ?

Muita gente, sim.
E muito entusiasmo,
também.

As festividades fo-
ram organizadas com
carinho, e as crian-
ças sentiram a bele-
za dos "shows" e o
encantamento dos
presentes. Refres-
cos, doces, sandui-
ches, sorvetes, uma
infinidade de coisas
a aguçar a curjosi-
dade e a aumentar
o entusiasmo da pe-
tizada.





Artistas do Rádio e da Televisão colaboraram para que grandiosa fôsse, realmente, a nossa Festa de Natal.



Papai Noel tudo fez para visitar os filhos dos milicianos de Piratininga. Para isso, lançou mão de variados meios de locomoção: o cavalo, o jipe... e até as próprias pernas.



Realmente bonita foi a Festa de Natal que o Regimento de Cavalaria ofereceu aos filhos dos seus componentes. O cmt. Agenor de Almeida Castro não mediu esforços e o resultado não se fez esperar: a gurizada divertiu-se como nunca, aplaudindo com a mais pura das sinceridades os diversos números do programa.

O clichê, aliás, fala melhor que qualquer legenda.



José Silva – Tecidos, S. A.

(Casa fundada em 1885)



End. Telegráfico «SILVIUS»
CAIXA POSTAL, 445
TEL. 43-28-95 (RRDE)

RIO DE JANEIRO, D. F.

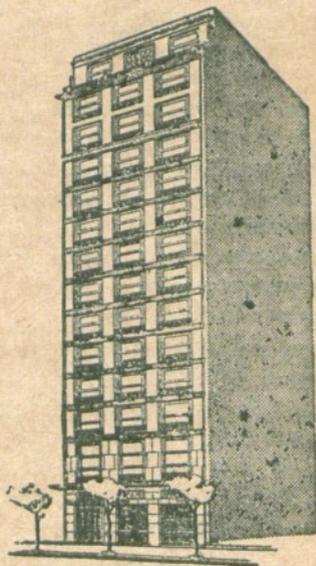
TECIDOS E ARTEFATOS DE TECIDOS EM GERAL
— IMPORTADORES E EXPORTADORES —

FORNECEDORES DAS FORÇAS ARMADAS, INCLUSIVE
DA FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Departamento de vendas
em SÃO PAULO (Capital)

Av. Nova Anhangabaú, 702-3.º, Sala 32

Caixa Postal, 3021 —
En. Telegráfico, "SILVIUS"
Telefone: 33-2662



Sede no Rio de Janeiro



Ao centro, sentado, o gaudente major Hamilton Rangel Gama quando, em missão especial junto à Escola Oficial de Trânsito, presidia uma das Bancas Examinadoras.

FALECIMENTO

No crepúsculo de 1953, abruptamente, a fatalidade voltou a golpear-nos, roubando-nos mais um inesquecível companheiro e desfalcando a Força Pública de valoroso e destemido componente. Morreu o major Hamilton Rangel Gama, a 17 de dezembro. Deixou-nos mansa e inesperadamente, num contraste marcante com seu temperamento forjado na luta vigorosa, sempre a serviço das causas nobres.

Nascido em Piquete a 2 de setembro de 1911, radicou-se o major Hamilton em Guaratinguetá, onde se diplomou pela Escola Normal. A 1.º de setembro de 1934 alistou-se na Força Pública, com destino ao Curso de Oficiais. Aspirante em 24 de dezembro de 1937, sucessivamen-

te foi promovido, a 2.º tenente em 28 de julho de 1939, a 1.º tenente em 16 de setembro de 1942, a capitão em 15 de dezembro de 1947 e recentemente, ao posto de major, em 15 de agosto de 1953.

Oficial de raras e excelsas virtudes, na consecução dos objetivos que visassem à grandeza de sua Milícia, punha, integralmente, sua capacidade, inteligência cultural e a indomável força de vontade que o dinamizava. Empreendida as tarefas, para fazê-las perfeitas. Foi emérito cultor e mestre de educação física e como astro de primeira grandeza e técnico, por vários anos, prestou à Escola de Educação Física, cujo curso de instrutores concluiu em primeiro lugar na sua turma, valiosis-

simos serviços. Mais tarde, entregou-se o major Hamilton, como pioneiro e com decidido entusiasmo, à tarefa de realizar entre nós, com a mais apurada técnica, a seleção e orientação profissional. Como sempre, imbuído do mais puro ideal e de incomum honestidade de propósitos, fez brilhante curso especializado de testes e mensurações, concomitantemente com outros em Departamentos de seleção profissional. Preconizou a criação do Gabinete Psicotécnico e, para ver vitoriosa essa realização, lutou anos seguidos. Como fruto do trabalho ingente, já adjunto da Diretoria Geral de Instrução da Fôrça Pública, pôde o major Hamilton iniciar, com afã, a aplicação dos modernos processos de seleção na Fôrça Pública do Estado.

Espírito empreendedor e evolucionista, empolgou-se, logo mais, pelos problemas de transportes, material automóvel e manutenção, vislumbrando, como ninguém, que o e-

quacionamento e solução dos mesmos traria à sua Corporação a possibilidade de apresentar alto padrão de técnica na execução do serviço policial — sua precípua missão.

Empenha-se, a fundo, no novo campo de atividades, gradua-se como instrutor e, em pouco tempo, ministra aulas no curso especializado da Fôrça Pública, ao mesmo tempo que empresta tôdas as suas energias à reorganização do Serviço de Transportes e Manutenção, onde a morte o vem colher no exercício das funções de subchefe.

Por tantas qualidades e serviços e, sobretudo, pelo caráter ilibado e marcante espírito de luta, o major Hamilton Rangel Gama terá vida eterna na Corporação que tanto amou, honrou e a que tão bem serviu.

No coração de seus colegas e amigos, perenemente, ficará a saudade da amplitude de seus nobres sentimentos, da grandeza de sua alma e da lealdade que a todos devotava.

Se você deseja obter qualquer das fotos insertas nesta revista, procure:

FOTO

"DUQUE DE CAXIAS"

Especialista em reportagens fotográficas militares, policiais e esportivas

Rua Líbero Badaró, 651 — 2.º andar — Fone 37-1681 — SÃO PAULO

Caixa Beneficente da Fôrça Pública

Em sessão ordinária da Diretoria, realizada a 28 de outubro próximo findo, foram despachados os seguintes processos:

Pensões concedidas — 8.400,60 à d. Rosalina Dias Monteiro, irmã viúva e única beneficiária do cel. rfm. Pedro Dias de Campos; 7.700,40 à d. Laurinda Conceição Pereira dos Santos, com a senhorita Inah dos Santos, aquela como viúva e esta, como filha do cel. rfm. José Maria dos Santos; 2.239,20 à d. Ana Cândida da Silva, como viúva e única beneficiária do 3.º sgt. rfm. Augusto José da Silva; 1.000,00 ao sr. Sebastião Germano, genitor do 3.º sgt. da 3.ª Cia. Ind., Derville Germano; 1.139,40 à d. Luzia Francellino Giacomo, com os menores Ana, Angela, Vicente, Luís, Fortunata, Josefina, Amélia e José, viúva e filhos do sd. rfm. Antônio Giacomo; 633,00 à d. Joaquina de Oliveira Soares, com os menores José Benedito, Aparecida Isabel e Angelo Daniel de Oliveira, viúva e filhos do sd. do 5.º B.C. Lázaro Soares; 633,00 à d. Maria Ferreira Hoffmann, com os menores Sônia e Sidnei Ferreira Hoffmann, viúva e filhos do sd. do 2.º B.C. Avelino Hoffmann; 587,70 à senhorita Iorvelina Wenceslau, filha do 3.º sgt. rfm. Virgílio Wenceslau; 569,70 às menores Adi, Delza Viana Mendes e Dalva Mendes, filhas do sd. do 6.º B.C. Alexandre Mendes; 427,20 aos menores Eunice, Rubens e Dirceu Rossi de Siqueira, filhos do sd. rfm. Américo Augusto de Siqueira.

No requerimento em que o sr. José Graciano, genitor do sd. Abílio Graciano, pleiteia o benefício de pensão a que se julga com direito pelo falecimento de seu filho, foi exarado o seguinte despacho:— "I — Indeferido por falta de amparo legal. II — Restituam-se as importâncias descontadas, de acôrdo com a informação."

No processo em que d. Florentina Rosa Raffles solicita seja-lhe concedida a quota de pensão a que se julga com direito pelo falecimento de seu marido, sgt. Gilberto Raffles, foi exarado o seguinte despacho:— "Encaminhe-se à Comissão de Polícia, de acôrdo com os pareceres."

Exclusão de pensionista — **Transferência de quota** — Tereza Pereira Rosa, por ter incorrido nas penas do art. 53, letra "d" do Regulamento em vigor, transferindo-se para seus irmãos Aparecida e Sydney a quota que lhe era atribuída.

Empréstimos — **Hipotecários**: — de 324.400,00 ao cap. Benedito Cândido dos Santos; 308.000,00 ao cap. Mário Cerqueira Leite; 238.500,00 ao 1.º ten. Aparecido do Amaral Gurgel. **Hipotecário Suplementar** — 120.000,00 ao major Raphael Peres Busato.

No requerimento em que o 2.º sgt. José de Faria solicita um empréstimo hipotecário de 60.000,00 (art. 69 do Regulamento) foi exarado o seguinte despacho:— "Indeferido por falta de amparo legal", visto não ser de sua exclusiva propriedade o imóvel oferecido em garantia. **Sob-Compromisso** — 200.000,00 ao 1.º ten. Anibal Rodrigues; 85.000,00 ao 1.º sgt. Hugo Ribeiro Dias; 90.000,00 ao 2.º sgt. Benedito Alves dos Santos; 96.000,00 ao 3.º sgt. Gilberto Donatoani Maia. **Suplementar** — 193.890,00 ao cel. Walfrido de Carvalho; 17.000,00 ao 1.º ten. Francisco Isidoro Gomes.

Permissão para venda de imóvel — No requerimento em que o 2.º ten. Osvaldo Pires pede autorização para vender o imóvel de sua propriedade, sito à rua das Municipalidades e hipotecado a esta Caixa, foi exarado o seguinte despacho:— "Mantenho o despacho anterior."

Balancete da "Receita e Despesa" da Caixa — Tendo em vista o parecer da Comissão Fiscal, foi aprovado pela Diretoria, o balancete da "Receita e Despesa" desta Cx. Bte. referente ao mês de SETEMBRO p. findo, cujo resumo é o seguinte:— "RECEBIMENTOS:— Caixa Econômica Estadual (retirada), 2.579.000,00; outros recebimentos, 2.470.322,30; contribuições mensais, 1.601.286,70; jóias, 606.102,10; saldo do mês anterior, 276.392,10; total, 7.533.103,20. **PAGAMENTOS**:— Caixa Econômica Estadual 2.780.581,40; Carteira Imobiliária 2.270.300,00; pensões 1.428.978,10; empréstimos simples, 847.600,00; outras despesas, 152.938,60; saldo que passa para o mês seguinte, 52.705,10; Total 7.533.103,20.



AMAZONAS

VISITA HONROSA

No dia 22 do mês passado tivemos a grata satisfação de receber em nosso quartel-sede o exmo. sr. gen. de Exército Milton de Freitas Almeida, Inspetor Geral do Exército, então em viagem de inspeção à Guarnição Federal de Manaus. Sua excia., em companhia do seu ajudante de ordens e do sr. coronel Armando Ribas Leitão, cmt. da Guarnição, percorreu tôdas as dependências do nosso quartel, tendo colhido boa impressão das nossas instalações. No salão d'armas fêz uso da palavra o sr. coronel Themístocles Trigueiro, comandante da Corporação, que em rápido e brilhante improviso disse da satisfação que nos invadia com a honrosa visita que nos fôra proporcionada por tão distinta autoridade. Em agradecimento, sua excia. o gen. Milton de Freitas Almeida enalteceu o valor da família policial-militar brasileira; declarou que fôra com a

mais viva emoção que penetrara neste quartel, pois isto o fazia lembrar certa fase de sua vida militar, quando esteve no comando de uma das Polícias Militares do Brasil — a Fôrça Pública do Estado de São Paulo. Então s. excia. passou a historiar fatos daquela época. Com bastante entusiasmo falou cêrca de 40 minutos discorrendo sôbre as dificuldades então existentes para centralização da instrução do policial-militar no vastíssimo interior paulista... Considerando a imensidão do território amazonense, disse sua excia. que era de supor ser a nossa situação idêntica àquela, principalmente levando em conta inúmeras dificuldades que se nos antepõem, como as nossas estradas líquidas, etc.

S. excia. consignou, em nosso «LIVRO de IMPRESSÕES»:

«Foi com verdadeira satisfação que aproveitei o ensejo que se me apresentou para visitar o comando da Polícia Militar do Amazonas e trocar idéias com seus oficiais sôbre os seus problemas, o que me ocorreu com emoção o período em que tive o prazer de comandar corporação similar, no Estado de São Paulo.

Manaos, 22-XI-953

Gen. Milton de F. Almeida».

CHEFIA DO DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO

Nomeado que foi pelo exmo. sr. governador do Estado, assumiu, no dia 8 do corrente, o cargo de Chefe do Departamento Estadual de Segurança Pública (Chefe de Polícia), o

sr. coronel Themístocles Henriques Trigueiro, oficial desta Corporação, que está no exercício daquelas funções acumulando-as com o Comando da milícia amazonense.

E' com imensa satisfação que registramos tal evento, já que, além dêlé constituir a concretização de uma das aspirações policiais-militares, foi, o cel. Trigueiro, o primeiro representante de «MILITIA» junto à P.M. amazonense.

PROMOÇÃO DE OFICIAIS

Por decreto de 30 de setembro dêste ano, o exmo. sr. governador do Estado promoveu os seguintes oficiais:

major Caetano Félix do Nascimento - ao posto de tenente-coronel; cap. Joaquim José de Carvalho e Cascaes - ao posto de major; 1.º ten. José Silva - ao posto de capitão.

Por decreto de data posterior foi efetivado no posto de 1.º tenente o primeiro tenente agregado Júlio Cordeiro de Carvalho.

BAHIA

DIPLOMADOS PELA UNIVERSIDADE DA BAHIA

Após brilhante curso, colaram grau: pela Faculdade de Medicina, o capitão das armas Genival de Freitas; e, pela Faculdade de Filosofia, em Jornalismo, o capitão dentista Reginaldo Ferreira de Almeida.

CONCLUIRAM O CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Concluíram o Curso de Formação de Oficiais, na P.M. do Distrito

Federal, os 1.º ten. Rudval Martin Ramos e 2.º ten. Francisco Nei Ferreira, ambos acadêmicos de direito

PROMOÇÕES

No Quadro das Armas: ao posto de major, por merecimento, o capitão Manoel Cerqueira Cabral; ao de capitão, por antiguidade, os 1.ºs tens. Adalberto Bezerra e João Crisóstomo dos Passos Filhos, e, por merecimento, Nestor Tavares da Silva e João Adolfo da Silva; ao de 1.º ten., o 2.º ten. Valter Alves Guimarães, por antiguidade, e José Lopes Mdesto, por merecimento.

No Quadro de Saúde: ao posto de tenente coronel, por antiguidade, o major Afonso de Góis Monção; e, ao de major, por antiguidade, o capitão Carlos Lopes Bitencourt.

MODIFICAÇÕES NA LEI DE RESERVA

O governador do Estado encaminhou mensagem à Assembléia Legislativa com um projeto de lei que consolida tôdas as leis que regem a transferência de oficiais e praças para a Reserva Remunerada da Polícia Militar.

Pelo novo diploma legal, verificamos a introdução das seguintes modificações:

— Tôdas as praças, soldado inclusive, serão transferidos para a Reserva, com as vantagens da graduação imediata, desde que completem 30 anos de serviço.

— Os tenentes coroneis e coroneis serão compulsoriamente transferidos para a Reserva ao completarem 35 anos de serviço.

— Os coroneis incluídos na Reserva terão seus proventos acrescidos de 20% sobre os seus vencimentos.

— O limite de idade para permanência no serviço ativo passará a ser o seguinte: coronel - 57 anos; ten. cel. - 55; major - 53; capitão - 50; 1.º tenente - 46 e 2.º tenente - 43.

DISTRITO FEDERAL

(POLÍCIA MILITAR)

GRANDES REALIZAÇÕES NA P.M.

Falando à imprensa, sobre o programa de realizações que a P.M. executará no próximo ano, o cel. João Ururahy de Magalhães, seu comandante geral, referiu-se, preliminarmente, ao início da construção do prédio em que funcionará a nova Escola de Formação de Oficiais, na internada dos Afonsos.

A nova Escola — disse s. excia. — nos permitirá propor ao ministro da Justiça o aumento do número de matrículas, uma vez que atualmente na Polícia Militar existe grande falta de oficiais subalternos. Acontece ainda que a construção virá facilitar grandemente os trabalhos da Diretoria de Instrução, que controla o ensino em toda as suas modalidades e graus, na qual prestam colaboração, como instrutores, oficiais do Exército e da própria Polícia Militar.

E' também de salientar que o novo estabelecimento ainda concorrerá para maior eficiência das atividades da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais que tem grande frequência, em grande parte, de oficiais das Polícias Estaduais.

A NOVA ORGANIZAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR

— A nova organização da Polícia Militar, ora em fase final de estudos, tem como principal objetivo colocá-la em condições de prestar maior colaboração à Polícia Civil no policiamento ostensivo da Capital da República, como já o vem fazendo com os seus oficiais e praças nos serviços da Rádio Patrulha.

O POLICIAMENTO DOS TERRITÓRIOS

— De acôrdo com o ministro da Justiça, que nos vem prestando todo o apóio de que necessitamos, estamos estudando a organização dos Batalhões para o policiamento dos Territórios Federais, que contam apenas com as chamadas Guardas Territoriais. O estudo prevê também a absorção das referidas guardas, enquadrando-se na Polícia Militar do Distrito Federal, facilitando assim aos seus componentes a instrução militar adequada, capacitando-os portanto, a colaborar eficientemente com as forças do Exército em qualquer emergência.

ATUAÇÃO DA P.M. EM TEMPO DE GUERRA — GRANDES EXERCÍCIOS DE QUADROS E DE TROPA

Encerrando o programa de atividades do corrente ano dos Cursos de Formação e de Aperfeiçoamento de Oficiais, a Polícia Militar do Distrito Federal, sob a direção do comandante geral coronel João Ururahy de Magalhães, realizou, na ilha do Governador, vários exercícios que culminaram com a simulação de defesa contra ataques

e atos de sabotagem nos pontos vitais da ilha.

Também tomaram parte ativa nos exercícios, além de vários oficiais do Exército, que na Polícia Militar exercem funções de instrutores, oficiais das forças públicas estaduais, que aqui se encontram fazendo o Curso de Aperfeiçoamento, contando-se entre os mesmos representantes do Paraná, Bahia, Estado do Rio, Santa Catarina, Ceará, Maranhão, Piauí e Goiás.

O desenvolvimento dos exercícios

Para que as atividades alcançassem os fins desejados, o comando geral da Polícia Militar desenvolveu o tema em torno de uma guerra entre o Brasil e uma potência agressora.

Durante as hostilidades, os responsáveis pela defesa do Brasil tiveram conhecimento de que na ilha do Governador, um prédio disfarçado em sociedade recreativa abrigava regular quantidade de indivíduos que aguardavam o momento propício para atividades contra os interesses nacionais. Um oficial destacado para realizar observações, veio a saber que os quinta-colunistas mantinham constante ligação com elementos treinados na prática de sabotagem e que não tardariam a desencadear uma ofensiva contra os pontos vitais da ilha.

Imediatamente o Comandante Geral das Operações convocou a Polícia Militar para realizar os trabalhos de proteção da ilha, ficando o 6.º Batalhão com a incumbência de guarnecer os Depósitos de Oleos, Combustíveis, Usina Elétrica, Estação Telefônica, Caixa d'Água, e realizar o patrulhamento das estradas.

Foi também estabelecida a cooperação de tôdas as unidades da Polícia

Militar para a proteção à população civil e auxiliar o Corpo de Fuzileiros Navais na vigilância das praias, e as autoridades da Aeronáutica na segurança da Base Aérea e do Aeroporto Civil.

Finalidade dos exercícios

Os exercícios que encerraram o ano de instrução, tiveram por objeto a aplicação dos princípios referentes às situações de policiamento ostensivo e guarda territorial, e ainda salientar, para os alunos do Curso de Aperfeiçoamento e da Escola de Formação de Oficiais, a importância do planejamento para a realização eficiente de um policiamento ostensivo e guarda territorial em tempos normais, bem como dar-lhes oportunidade de realizar reconhecimentos da zona a policiar ou pontos a guardar, no quadro de uma situação estabelecida nos escalões de Companhia e Batalhão.

Os exercícios ainda tiveram a finalidade de acentuar a necessidade e a importância da íntima cooperação entre a Polícia Militar e a Polícia Civil.

MATO GROSSO

ASSOCIAÇÃO DOS REFORMADOS DA P.M.

Em sessão da Assembléia Geral Ordinária da Associação, foi reeleita a diretoria da entidade, que regerá os seus destinos em 1954: - presidente, ten. cel. Temístocles Aristeu de Carvalho; vice-presidente, ten. cel. João Geraldo Xavier; 1.º secretário, major João Nunes da Cunha; 2.º secretário, 1.º sgt. Alexandre Dias de Oliveira Campos; 1.º tesoureiro, cap. Cid Teodoro do Espírito Santo; 2.º tes., 1.º ten. Sérgio Xavier de Matos; vogais, 1.º ten. Jovino Alves Neto e subten. Benedito Fabiano de Arruda;

procurador-relator, cap. José Antônio da Costa. Conselho Fiscal: major Arnaldo de Matos Cabral, capitães João Valentim do Nascimento, Antônio Pinto de Amorim e Alcebiades Cícero de Sá e 1.º ten. Benedito Ave-lino Teixeira.

MINAS GERAIS

16 NOVOS ASPIRANTES

Em solenidade realizada na manhã do dia 9 deste mês, no ginásio do «Minas Tênis Clube», 16 alunos que concluíram o Curso de Oficiais do D.I. foram declarados aspirantes. São eles: Abel Magalhães, Antônio de Paula, Carmo Dias Rolim, Cícero Magalhães, Floro Ramos Vasconcelos, Francisco Cândido Miranda Filho, Fulgêncio dos Santos Neto, Hélio Dias de Almeida, Hildeu da Costa Pereira, João Vitor de Andrade, José Lopes Vieira, Mário Assim Carvalho, Mauro Maurício Pereira, Miguel Alves Ferreira, Raimundo Wanderley Dias e Vanderlin Tiradentes de Azevedo.

As cerimônias, que se revestiram de brilhantismo ímpar, estiveram presentes altas autoridades do mundo civil e militar, figuras de destaque dos círculos sociais belorizontinos e o comando e oficialidade da Polícia Militar.

Declaração de aspirantes

Recepcionadas as autoridades e os convidados especiais, pelo comando e oficialidade do D.I., seguiu-se a solenidade da declaração dos aspirantes, precedido do juramento alusivo ao ato. Seguiu-se a entrega do estandarte do D.I., ao 1.º aluno do 3.º ano, pelo primeiro aspirante da

turma de 1953. Antes, porém, dos aspirantes receberem as espadas das respectivas madrinhas, o gen. Lima Câmara fêz entrega do prêmio «Cel. Nélio Gonçalves» (uma espada) ao asp. Vanderlin Tiradentes de Azevedo, 1.º colocado da turma, em instrução profissional. Por último, os aspirantes desfilaram em continência à Bandeira e às autoridades.

Entrega de diplomas

A noite, no Clube dos Oficiais, teve lugar a cerimônia de entrega dos diplomas de conclusão do Curso. Usou da palavra o cel. Nélio Gonçalves, comandante da P.M., exaltando o trabalho que a gloriosa corporação vem realizando em Minas, no sentido da manutenção da ordem e da tranqüillidade públicas. Falou, depois, o orador da turma, o asp. Abel Magalhães, agradecendo aos mestres e dizendo dos propósitos de todos os novos aspirantes, de colaborar, cada vez mais, para o engrandecimento da corporação.

Bênção das espadas

No dia 10, pela manhã, no Santuário de Lourdes, realizou-se a solenidade da bênção das espadas dos novos aspirantes, ministrada por d. Antônio dos Santos Cabral, arcebispo metropolitano, sendo a oração gratulatória proferida pelo cap. pe. Wilson Vale da Costa, capelão do 2.º BCM.

Baile

No mesmo dia, às 22 horas, teve início o baile comemorativo do evento, que foi realizado nos salões do Clube dos Oficiais.

PARÁ

REPRESENTAÇÃO DE «MILITIA»

Por ato do Comando da P.M., foi designado para representar esta revista junto à co-irmã paraense, o cap. José Barbosa de Vasconcelos, em substituição ao seu colega Walter Moreira Cals, que se afastou do Estado por motivos de saúde.

Gratos, pela gentileza. Fazemos votos de pronto restabelecimento ao cap. Moreira Cals.

IRÃO A JUSTIÇA

A imprensa noticiou, há tempos, que diversos oficiais da Polícia Militar do Estado, em memorial longo e circunstanciado, dirigiram-se ao governo do Estado, pleiteando que se lhes estendessem os favores da lei n.º 616, de 2 de fevereiro de 1949, que se denomina, comumente, «Lei da Praia», e assegura direitos especiais a todos os militares que serviram, durante a guerra, em zona considerada de operações.

O processo teve curso demorado, percorrendo diversos órgãos da administração estadual, indo terminar seus trâmites no Departamento do Pessoal. E, em consequência, o pedido não mereceu deferimento.

Os peticionários, todavia, não se conformaram com o destino da solicitação, e, melhor orientados, vieram a saber que, no Rio Grande do Sul, um oficial da B.M., em situação semelhante, recorreu à Justiça e obtivera ganho de causa, ao mesmo tempo que o ministro Cunha Melo reconheceu, também, em parecer sobre o assunto, o direito líquido e certo dos oficiais de polícia.

Dai, porque, constituindo advogado, os prejudicados vão ingressar com um recurso na Justiça.

PARAIBA

VANTAGENS AOS ELEMENTOS DA P.M.

O governador João Fernandes de Lima vem de promulgar nova lei, concedendo vantagens aos oficiais e praças da corporação, consubstanciadas nas seguintes disposições:

— Aos elementos que completarem 20 anos de serviço, será atribuída uma gratificação igual a 15% dos respectivos vencimentos, a qual será elevada a 25% quando o tempo de serviço for de 25 anos completos. Esta gratificação é extensiva aos reformados, desde que tenham completado o respectivo tempo de serviço na atividade.

— Ao ser reformado a pedido, por incapacidade física ou compulsoriamente, o elemento que contar mais de 25 anos de serviço será promovido ao posto ou graduação imediatamente superior.

— Foram extensivas aos elementos da P.M. as vantagens do salário-família, na base de 150 cruzeiros para a esposa e 100 cruzeiros para cada filho, dos servidores ativos e inativos.

PERNAMBUCO

BENEFÍCIOS PARA OS ELEMENTOS DA P.M.

Foi sancionada, pelo governador do Estado, no dia 1.º deste mês, a lei que concede uma gratificação de 15%.

NOVA TURMA DE ASPIRANTES

Tiveram lugar, no dia 19 de novembro p.p., no estádio do Derby, as solenidades da declaração de nova turma de aspirantes, formados pelo seu Curso de Oficiais, criado em 1940.

A turma, que recebeu a denominação de «Aspirantes Danúbio», se compõe dos seguintes formandos: Alfredo Agostinho dos Santos, Antônio Martins Veras, Carlos A. P. da Cunha, Osmar Felix da Silva, (estes três últimos da P.M. do Piauí), Dario Ferraz de Sá, Domingos Siqueira Campos, Francisco Santana Nunes, João Machado de Gouveja, José Alves de Souza, Pitágoras Pacheco Duque e Valdomiro Santa Clara.

Foram homenageados, por essa ocasião, os governador Etelvino Lins, gen. ex. Osvaldo Cordeiro de Faria, e gen. div. João Carlos Barreto, comandante da Zona Militar do Norte e da 7.ª R.M., respectivamente; cel. Salm de Miranda, comandante da P.M.; d. Antônio de Almeida Moraes Júnior, arcebispo de Olinda e Recife. Parainfo, o cel. José Bezerra de Amorim. Foram ainda homenageados o major Tércio Bacelar e Silva, bel. Juarez Vieira da Cunha, primeiros tenentes Dorival Geraldo de Moura e Lourival Ramos Cavalcanti, professores André Tavares de Mira e Jurandir de Brito, e como madrinha a senhorita Iná Lins de Albuquerque, filha do governador do Estado.

Programa

Para estas solenidades, a comissão encarregada organizou o seguinte programa: 8 horas, missa em ação de graças e bênção das espadas, na

matriz de Santo Antônio, celebrada por dom Antônio de Almeida Moraes Júnior; 16 horas, cerimônia de declaração de aspirantes, no estádio do Derby; leitura do boletim do comando geral — declaração de aspirantes; compromisso à Bandeira; entrega das espadas; desfile em continência à bandeira e desfile em continência às autoridades.

RIO GRANDE DO NORTE

117.º ANIVERSÁRIO DA POLÍCIA MILITAR

Transcorreu, no dia 4 de novembro último, o 117.º aniversário da Polícia Militar, tendo sido a efeméride festejada condignamente no âmbito daquela co-irmã. Embora revestidas de simplicidade, as solenidades levadas a efeito incluíram, em seu programa, dois fatos de importância para a vida da corporação: a inauguração de novas ampliações de seu quartel e a diplomação da turma de concluintes do C.A.O. que ali funcionou no corrente ano.

Por outro lado, as festividades contaram com a presença do exmo. sr. governador do Estado, dr. Sílvio Pedrosa, acompanhado de seu secretariado e de outras autoridades civis, comandantes e representantes das unidades do Exército, Marinha e Aeronáutica, sediadas em Natal, jornalistas e pessoas gradas.

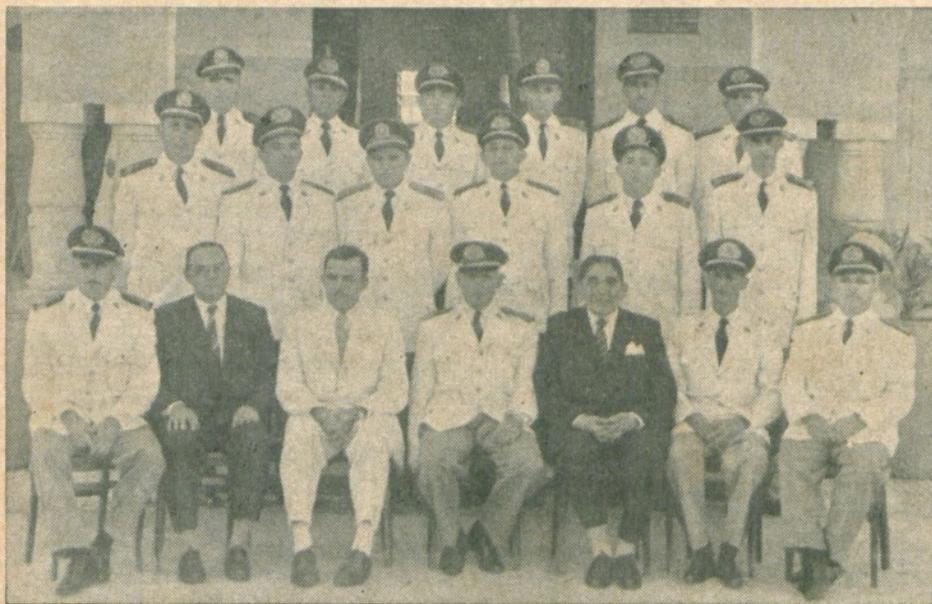
Pela manhã teve início a primeira parte do programa com o hasteamento da Bandeira, cânticos do Hino Nacional e da Canção da Polícia Militar, pela tropa, seguindo-se a leitura do Boletim Especial alusivo à data.

Chegando ao quartel o Chefe do Executivo, uma Cia. de Fuzileiros prestou-lhe as honras do estilo, desfilando, depois, em continência às autoridades. Em seguida, as pessoas presentes dirigiram-se ao pátio interno do quartel, em visita às obras recém-construídas, tôdas já entregues à utilização e constantes de três pavilhões, onde se acham instaladas a Secção do Almoxarifado, a S.M.B. e Oficinas, bem como uma quadra de volei e basquetebol. Finda a visita e em local escolhido, ao ar livre, discursou o Comandante Geral, cel. Luciano Veras Saldanha, oferecendo o roteiro dos trabalhos e da despesa realizada com os melhoramentos que

vinham de ser objetivados, concluindo por solicitar ao sr. governador que os declarasse inaugurados.

S. excia. ainda presidiu, no momento, o lançamento da pedra fundamental do futuro hospital e maternidade da Corporação, ato igualmente significativo, sobretudo por se ter como certo o início de sua construção em janeiro vindouro.

O resto da manhã foi tomado com disputas de voleibol e basquetebol entre equipes da Polícia Militar, do 16.º R.I. e do Colégio Estadual Masculino, «batizando-se» então a quadra de esportes do quartel a qual recebeu o nome de «Cel. Luciano», numa homenagem que não tra-



CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Além dos componentes da Turma de 53, vêem-se, sentados, da esquerda para a direita, os instrutores e professores: ten. cel. Sebastião de Souza Revoredo, prof. Ivaldo Lopes, dr. Alvarado Furtado, cel. Luciano Veras Saldanha, dr. Emídio Cardoso Sobrinho, major Ulisses Cavalcanti (EB) e major Altino Cordeiro de Paula

duz senão justo reconhecimento a quem tanto tem se esforçado e produzido no Comando da Corporação.

A tarde teve lugar o encerramento do C.A.O. com uma sessão solene realizada no salão principal do Departamento de Ensino, presidida pelo cel. comandante geral que representou, no ato, o governador do



CAP. ANTONIO MORAIS NETO

Nosso representante no Rio Grande do Norte, vem de concluir, com êxito, o C. A. O.

Estado, e assistida por diversas autoridades, professores, instrutores e concluintes do curso.

Durante a sessão fizeram uso da palavra, o presidente, que disse da finalidade e alcance do C.A.O. e referiu-se ao fato de, há vários anos, não ter podido o mesmo funcionar na Polícia Militar; o professor dr. Emídio Cardoso Sobrinho, produzindo substancioso discurso, enalteceu elevados conceitos aos brios da Milícia Potiguar. Pôs em realce fatos e episódios interessantes relacionados com a dignidade e bravura de seus servidores, de que tem conhecimen-

to próprio, como filho do Estado; falou, afinal, o cap. José Gurgel Ferreira Pinto, orador da turma, cujas palavras foram, em externando a alegria dos companheiros, de confiança nos destinos da Corporação, agora vivendo uma fase de indiscutível soerguimento, graças à administração que tem o Estado e a ela própria.

Seguiu-se a diplomação dos concluintes do curso, major José Ferreira Marinho e José Reinaldo Cavalcanti; capitães José Franco Ribeiro, Antônio Morais Neto, Severino de Andrade, José Gurgel Ferreira Pinto, Francisco Fernandes Borges e Arcírio Alirio Trigueiro; 1.ºs tenentes Abel Martins de Souza, Pedro Nunes de Souza, Geraldo Gonzaga da Costa e Francisco de Souza Revorêdo.

A noite foram homenageados os instrutores e professores do C.A.O., com um jantar, que se realizou num dos restaurantes da capital. Oferecendo o ágape, falou o ten. Francisco Revorêdo, e, agradecendo, o prof. Ivaldo Lopes, ficando aí o ponto final das festividades daquele dia que assinalou a passagem de mais um ano de existência útil da Milícia norriograndense.

RIO GRANDE DO SUL

AINDA AS DEFICIÊNCIAS DO CORPO DE BOMBEIROS

Durante os trabalhos de extinção do fogo que destruiu totalmente as instalações do Departamento Técnico da firma Bromberg, à rua Silveira de Campos, atingindo ainda outras firmas comerciais localizadas nas imediações, estouraram várias mangueiras que estavam sendo usadas pelos bombeiros, causando-lhes inúmeras dificuldades.

Aliás, êsses acidentes já se tornaram comuns, quando chamado a intervir o Corpo de Bombeiros. Por vêzes, o êxito no trabalho de extinção do fogo foi comprometido sèriamente com os sucessivos estouros de mangueiras, permitindo assim, que firmas comerciais fôsem destruídas pela violência das chamas.

Em declaração à imprensa, o major Raul Santamariense Mesquita, sub-comandante do C.B., (atualmente substituindo ao cel. Tisiano De Leoni) por ocasião dos trabalhos contra o incêndio acima referido, estouraram nada menos do que 21 mangueiras! Solicitado um esclarecimento em razão de tão numerosos estouros, revelou, aquêlê official: «O que há é que o material dos bombeiros vive permanentemente na água, pois quando não se está combatendo o fogo, o material está sendo utilizado para o abastecimento de bairros e edificios, devido aos frequentes racionamentos. Desta maneira não há material que agüente o que dêle temos de exigir, pela falta de mangueiras sobressalentes».

O cel. De Leoni acha-se nos Estados Unidos, acompanhado do ten. Marcus, técnico do C.B., verificando, ali, as condições para a aquisição de material para a corporação, que conta, no orçamento de 1954, com uma verba de 7 milhões.

O secretário do Interior já assegurou que o C.B. será dotado de material moderno, nele incluindo 12 quilômetros de mangueiras, para a sua luta incessante contra o fogo,

Do Plano de Obras do govêrno consta a verba de 1 milhão de cruzeiros, para o início das obras do novo quartel da corporação.

116.º ANIVERSÁRIO DA CORPORAÇÃO

Comemorando a passagem do 116.º aniversário da Brigada Militar do Estado, a officialidade daquela corporação realizou, no dia 18 de novembro, diversas festividades, em rezojo a essa data.

Ao meio-dia, foi oferecido um lauto churrasco, no Parque de Exposições do Menino Deus, ao mundo official do Estado.

Oferecendo a homenagem, falou o comandante geral da Brigada Militar, cel. Venâncio Batista, que proferiu expressivo improviso, lembrando os feitos memoráveis da Fôrça Estadual.

Em seguida, usou da palavra o gal. Manoel de Azambuja Brilhante, que falou em nome da 3.ª Região Militar e da Zona Militar Sul.

Por fim, o dr. João Caruso, governador do Estado, em exercício, pronunciou aplaudido discurso alusivo ao acontecimento.

A seguir, foi efetuada a entrega de prêmios conquistados nas provas hípicas, realizadas pela manhã no campo do Centro de Instrução Militar da Brigada.

Além das autoridades mencionadas, estiveram presentes às festividades o gal. Odilio Denys, comandante da Zona Militar Sul; o general Inspetor Geral do Exército; o brigadeiro Altahyr Rozsanyi, comandante da 5.ª Zona Aérea; dr. Mário de Lima Beck, presidente da Assembléia; deputados estaduais; secretários de Estado; representantes do Corpo Consular e outras autoridades e familiares dos elementos da Brigada Militar.

★ GRANDE
SUCESSO!

★ JÁ EM
2.^A EDIÇÃO!



"Excelente a impressão que tive do seu trabalho. Preciso, minucioso, bem orientado e sobretudo muito útil ao preparo dos guardas de trânsito".

VICENTE SAGUAS PRESAS JÚNIOR
Ten. Cel. Diretor do Serviço de Trânsito

"Com seus capítulos perfeitamente ordenados, com ótima distribuição e explanação da matéria, além de oportunas ilustrações dos acidentes mais freqüentes, o MANUAL DO POLICIAL DE TRÂNSITO será um valioso guia para todos os que se defrontam, diariamente, com os problemas de trânsito...".

ANTÔNIO MOTA FILHO
Vice-Diretor da Escola Oficial de Trânsito

"Mas, não deve ficar restrito ao nosso meio. Pela sua própria essência, impõe-se seja facilitada a sua divulgação pelas demais Polícias Militares e por tôdas as entidades congêneres, civis e militares, com responsabilidade no policiamento de trânsito".

ARRISSON DE SOUZA FERRAZ
Major Diretor de Ensino do C.F.A.

Pedidos à "MILITIA", pelo Reembolso Postal ou por intermédio dos Representantes nas Unidades da Federação.

Preço: Cr\$ 25,00.



Direção do cap. Francisco Antonio Bianco Jr.

EM BAURU

52.º ANIVERSÁRIO DO 4.º BATALHÃO DE CAÇADORES

Comemorando o seu 52.º aniversário de fundação, o 4.º B.C. realizou uma série de festejos que se vestiram, a 8 de agosto último, de grande brilhantismo. Cinquenta e dois anos de incessantes e fecundos trabalhos completou o 4.º B.C. da nossa Força Pública, sentinela avançada das terras lavadas pelo Peixe, Tietê, Aguapeí e Dourados. Cinquenta e dois anos de lutas contra o crime, o vício, o jôgo, garantindo

o trabalho honesto, amparando as populações ordeiras. Comemorando condignamente a efeméride, o 4.º B.C. inaugurou, na galeria da Unidade, o retrato do ten. cel. Otávio Gomes de Oliveira, seu ex-comandante. Após ser hasteada a Bandeira Brasileira e lido o boletim alusivo à data, a tropa desfilou, finalmente, sob os aplausos das autoridades e convidados em geral, presentes às solenidades.

Prova "Sd. Sebastião Rodrigues de Lima"

As 15,00 horas deu-se início à prova de pedestrianismo, «Prova Soldado Sebastião Jacinto de Lima», que reuniu os atletas da cidade de Bauru e fundistas da nossa Corporação, para, sob o ideal desportivo que tão

bem caracteriza a juventude, homenagear aquêlê soldado que soube dignificar sua farda pela noção exata do cumprimento do dever, o que o levou à morte no dia 24-9-49, na cidade de Tupã.

Foi a seguinte a classificação individual:

- 1.º lugar — cabo Luís Gonzaga Rodrigues — E.E.F. — 12'31s
- 2.º lugar — 3.º sgt. Antônio José Alves — Btl. «Tobias de Aguiar» — 12' 43s
- 3.º lugar — cabo Joaquim Gonçalves da Silva — E.E.F. — 12' 50s
- 4.º lugar — 3.º sgt. Laudionor Rodrigues da Silva — E.E.F. — 13' 48s
- 5.º lugar — sd. Floriano Avelino Cordeiro — E.E.F. — 13' 52s
- 6.º lugar — sd. José Sotero de Araujo — 4.º B.C. — 13' 59s
- 7.º lugar — sd. José Vitoriano — 5.º B.C. — 14'

- 8.º lugar — sd. João da Silva — 5.º B.C. — 14' 20s
- 9.º lugar — sgt. Osvaldo Gonçalves Mendes — 5.º B.C. — 14' 45s
- 10.º lugar — sd. Benedito Maciel dos Santos — E.E.F. — 15'
- 11.º lugar — sd. José Domingos Larrúbia — 1.ª Cia. Independente
- 12.º lugar — sd. Aloísio Bezerra de Lima — Btl. «Tobias de Aguiar»
- 13.º lugar — sd. José Nunes de Brito — 6.º B.C.
- 14.º lugar — sd. Alcício Alves de Lima — 7.º B.C.

Os elementos da E.E.F. concorreram para abrilhantar a corrida, como homenagem ao sd. Sebastião Jacinto de Lima e ao 4.º B.C., no transcurso do seu aniversário. Dessa forma, a classificação da equipe da Escola não foi contada. E' de se notar também, a superioridade dos elementos das diversas unidades que ali se fizeram representar, pois o primeiro civil alcançou a 62.ª classificação.

Classificação por equipes:

- 1.º lugar — 5.º Batalhão de Caçadores — 12 pontos
- 2.º lugar — Batalhão «Tobias de Aguiar» — 22 pontos
- 3.º lugar — 3.º Batalhão de Caçadores — 55 pontos
- 4.º lugar — 4.º Batalhão de Caçadores — 59 pontos
- 5.º lugar — Batalhão de Guardas — 64 pontos.

Homenagem da E. E. F. ao 4. B. C.

O clichê fixa dois flagrantes da festa desportiva que tanto contribuiu para o brilhantismo das solenidades realizadas no 4.º B.C.



Registrou um capítulo à parte, E.E.F., na quadra de bola ao cesto, a demonstração levada a efeito pela perante uma multidão que se compri-



Da esquerda para a direita, em pé: Didi, Emílio, Renato e Sinésio; ajoelhados: Nogueira, Fabri e Lau.

Brilhou o Grêmio XV de Dezembro

Vem assinalando brilhante atuação no cenário volebolístico de São Paulo, o poderoso sexteto do Grêmio XV de Dezembro, entidade que congrega os alunos da nossa Escola de Oficiais.

Comemorando o aniversário do Centro Onze de Agosto, da Faculdade de Direito de São Paulo, a F.U.P.E. realizou, no dia 29 de outubro último, um torneio triangular de voleibol entre o C.A. Onze de Agosto, Grêmio Universitário e Grêmio XV de Dezembro.

Foram os seguintes os resultados obtidos nos jogos desse triangular: —

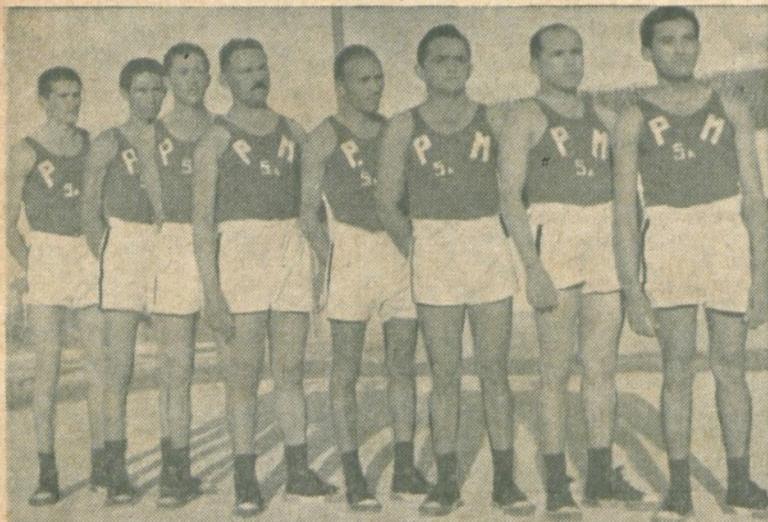
Dia 29-10:— Grêmio C.A. Onze de Agosto — 2 x Grêmio Universitário — 0.

Dia 30-10:— Grêmio XV de Dezembro — 2 x Grêmio Universitário — 0.

Dia 1.º-11:— Grêmio C.A. Onze de Agosto — 2 x Grêmio XV de Dezembro — 0.

Defrontando-se com adversários valorosos, logrou a nossa jovem equipe o título de vice-campeã do Torneio, cumprindo, dessa forma, brilhante jornada, uma vez que enfrentou, nas pugnas realizadas, as mais poderosas equipes universitárias de São Paulo.

BASQUETEBOL EM IGUATU



Iguatu, florescente cidade situada na zona centro do Ceará, às margens do Jaguaribe, servida pela rodo-

via Central Transnordestina e pela Rede de Viação Cearense, com um comércio e indústria bastante desenvol-

vidos, acaba de construir moderna praça de esportes, iniciativa da Prefeitura Municipal. Contando com uma mocidade resoluta e ávida de atividades, iniciou, domingo, 25 de outubro, a prática do basquetebol, com a animada estréia das equipes da 5.ª Cia. da P.M.C. e do Clube Recreativo Iguatuense.

A partida, que esteve bastante movimentada e despertou a atenção da seleta assistência que compareceu ao local da disputa, terminou com um honroso empate de 20 x 20.

A 5.ª Cia. da P.M.C., sediada na mesma cidade, sob o comando do assinante de «Militia», cap. José Silvino da Silva, apresentou o seguinte «five»: cap. Silvino - ten. Diogo - ten. Romeu - asp. Moacir - sgt. Mendes Moreira (Ceará). Reservas: sgt. Lucas - sd. Ribeiro - sd. Rodrigues.

DIZEM QUE...



...ANTES-SÓ, DO QUE MAL ACOMPANHADO.

★ ★ ★

Os flagrantes mostram a equipe da 5.ª Cia. e a ocasião em que o dr. Wilmar Moreira, diretor de Esportes do Clube Recreativo, recebia das mãos do cap. Silvino a flâmula que lhe era ofertada pela 5.ª Cia.

Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA

EXERCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

End. Teleg. «ARGUIISO»

— SÃO PAULO

A liberdade é um bem tão apreciado que cada qual quer ser dono até da alheia.

MONTESQUIEU

MILITIA

77

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLIVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaiso) — capitán Franklin Troncoso Bacler.

— IV Zona de Carabineros (Concepción) — capitán Moisés Suty Castro

ACRE (Guarda Terretorial)

— Q.G. (Río Branco) — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. Sebastião Ribeiro

AMAPÁ (Divisão de Segurança e Guarda)

— Séde (Macapá) — Raimundo Walter Luz.

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— cap. José Silva

BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — cap. Edson Franklin de Queiroz

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Antônio Nilson Rodrigues.

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — major Darcy Fontenelle Castro.

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Manoel Apolinário Chaves.

— 6.º B.I. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Hélio Miranda Quaresma.

— Escola Técnica do E.B. — cel. pe. João Tenei de Camargo e Silva.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — 2.º ten. Brasil Coury.

MARANHAO (Força Policial)

— Q.G. (São Luís) — 1.º ten. Euripedes Bernardino Bezerra

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Q.G. (Cuiabá) — ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo.

— 2.º B.C. (Campo Grande) — ten. cel. Hermenegildo T. do Nascimento.

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— B.G. (Belo Horizonte) — cap. Antônio Norberto dos Santos.

— 8.º B.I. (Lavras) — 1.º ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro

— 7.º B.I. (Bom Despacho) — cap. José Guilherme Ferreira

— 3.º B.I. (Diamantina) — 1.º ten. Geraldo Francisco Marques

PARA (Policia Militar)

— Q.G. (Balém) — cap. José Barbosa de Vasconcelos

PARAIBA (Policia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — 1.º ten. José Belarmino Feitosa Filho.

PARANA (Polícia Militar)

- Q.G. (Curitiba) — cap. Washington Moura Brasil.
- Guarda Noturna (Curitiba) — sr. Floriano José da Costa.

RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)

- Q.G. — major Walter Zulmiro Pereira de Castro.

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

- Q.G. (Natal) — cap. Antônio Morais Neto.

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

- Q.G. (Pórtio Alegre) — 2.º ten. Ernani Pereira de Aquino.
- 4.º B.C. (Pelotas) — cap. Renato Moro Ramos.
- 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

- Q.G. (Florianópolis) — 2.º ten. Manoel Gomes.

SAO PAULO (Fôrça Pública)

- Q.G. (Capital) — cap. Nelson Agostinho Ferreira.
- C.F.A. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.
- B.G. (Capital) — 1.º ten. João Vieira de Lima
- Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — 2.º ten. Antônio Meneghetti.
- R.C. (Capital) — 2.º ten. Gumerindo Guimarães.
- C.B. (Capital) — cap. Samuel Rubens Armond.
- B.P. (Capital) — 2.º ten. Hélio Guaicuru de Carvalho.
- 2.º B.C. (Capital) — 1.º ten. Ricardo Gonçalves Garcia.
- 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — 1.º ten. Odilon Spinola Neto.
- 4.º B.C. (Bauru) — 2.º ten. Alaôr de Souza Campos.
- 5.º B.C. (Taubaté) — 2.º ten. Mário Ferreira.
- 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Luís Nobrega e Silva.
- 7.º B.C. (Sorocaba) — ten. Alvaro Parreiras.
- 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.
- S.M.B. (Capital) — cap. Ollvio Franco Marcondes.
- S.E. (Capital) — José de Campos Montes.
- S.I. (Capital) — 1.º ten. José Picelli.
- S.F. (Capital) — 2.º ten. Mário Costa e Silva.
- S. Trns. (Capital) — cap. Joaquim Gouvêa Franco Junior.
- S. Subs. (Capital) — ten. Tiago Vilaverde Prior.
- E.E.F. (Capital) — 1.º ten. Ademar Ferreira.
- S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Hildebrando Chagas da Silva.
- S.S. - H.M. (Capital) — cap. Irani Paraná do Brasil.
- 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — 1.º ten. Manoel Molica.
- 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 1.º ten. José Ribeiro de Godol.
- 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.
- 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — cap. Antônio Augusto de Souza Filho.
- 1.ª C.I.B. (Santos) — cap. José Limongi França.
- Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.
- Cia. Policiamento Rodoviário (Capital) — 1.º ten. Jalmir C. Costa.
- Polícia Florestal (Capital) — cap. Alfredo Costa Junior.

SERGIPE (Polícia Militar)

- Q.G. (Aracaju) — 2.º ten. José Félix da Silva.

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.



4.º TORNEIO DE 1953

Outubro — Novembro — Dezembro

ENIGMA PITORESCO

31—



IDYLA

ENIGMA CHARADISTICO

32 — Não sei porque a primeira,
Das quatro da coleção,
E' também a derradeira
Sem maior complicação.
Segunda e terça, que sorte !
Correm sempre sem parar,
Até encontrarem a morte
Aqui, ali ou... no mar.
E o total, que engraçado:
E' o que se diz do café
Que, depois de temperado
Se junta água. O que é ?

Veterano

CHARADA AUXILIAR

33 — ... + do = distribuição de alimen-
tos aos pobres ... + =
... + do = aptidão
... + do = rês

Conceito: - TASCA

Plínio D. Monteiro

CHARADAS NOVISSIMAS

34 — Além de grande inexperiente êle era
fingido - 1-2.

K. D. T.

35 — Quando morre um bom homem, a
sua "geração" nunca esquece o tris-
te acontecimento - 2-1.

Gil Virio (Andradina)

36 — Para curar um tumor fui ao bosque procurar uma planta extravagante - 1-2.

Cel. S. O. Silva

37 — No oceano se repara o taboleiro para fabrico de sal - 1-2.

Plínio D. Monteiro

CHARADAS SINCOPADAS

38 — Esta é a sua legenda não faça confusão - 3-2.

K. D. T.

39 — Considera que a paciência tem limite - 3-2.

P. Q. NINO

40 — A vozearia confusa a cada momento aumenta de volume - 3-2.

Paulista Velho

41 — Não me venhas com desculpa. Esta é mesmo difícil - 3-2.

Cel. S. O. Silva

CHARADAS CASAIS

42 — Além de derrotado levou uma tremenda repreensão - 3.

Gil. Virio (Andradina)

43 — O punhal dos antigos romanos também servia para tirar bicho-de-pe - 2.

Silvosky

44 — Estou em desacordo, mas não entro na contenda - 3.

Z. B. D. U

45 — E' fácil colocar o estore - 4.

Pompeu Júnior

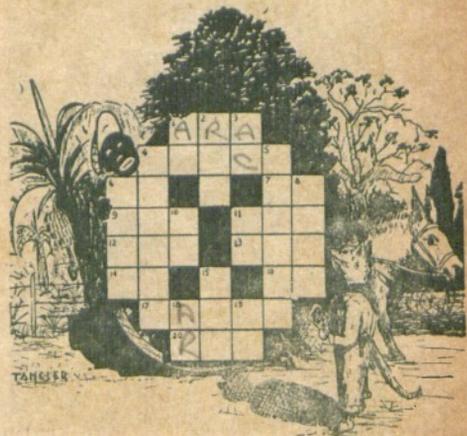
PALAVRAS CRUZADAS



Promlega n.º 4

Horizontais: — 1 - Dia em que se fazem anos de idade (pl.); 11 - Aparêlho para tirar água dos poços; 12 - Individualidade metafísica da pessoa; 13 - Tórax; 14 - Drama religioso; 17 - Espécie de vinho do Marne; 18 - Árvore cubana (pl.); 19 - Ama.

Verticais: — 1 - Dólmen; 2 - Ponto de inserção das fôlhas no caule; 3 - O mesmo que eiró; 4 - Jurisdição; 5 - Traço direito; 6 - Resultado de grandes fadigas; 7 - Parte inferior; 8 - Variedade de abelha que faz o ninho no chão; 9 - Língua românica que se falava entre o Loire e os Pirineus; 10 - Gato selvagem de Madagascar; 15 - Semelhança; 16 - Nome que os egípcios dão ao sol.



Jipão

Horizontais: — 1 - Pedra sagrada do centro do altar; 4 - Gênero de planta da família das palmáceas; 6 - Indivizível; 7 - Ama-de-leite; 9 - Ruído; 11 - Abismo; 12 - Chama a atenção ou exprime surpresa; 13 - Saúva; 14 - Denominação geral para os anurps pequenos; 16 - Sufixo designativo de agente; 17 - Greta no casco das bestas (pl.); 20 - Título abissínio;

Verticais: — 1 - Vento; 2 - Qualquer quadrúpede que serve de alimento para o homem; 3 - Antes de Cristo; 4 - Meter em dificuldades; 5 - Antigo aparador (pl.); 6 - Praticar; 8 - Navegar; 10 - Grande massa; 11 - Nota musical; 15 - Mau cheiro; 18 - Clima; 19 - Artigo feminino plural.

Inscrição

GIL VIRIO. Inscrito com o máximo prazer. Recebemos trabalhos e lista de soluções. Obrigados.

Boas Festas

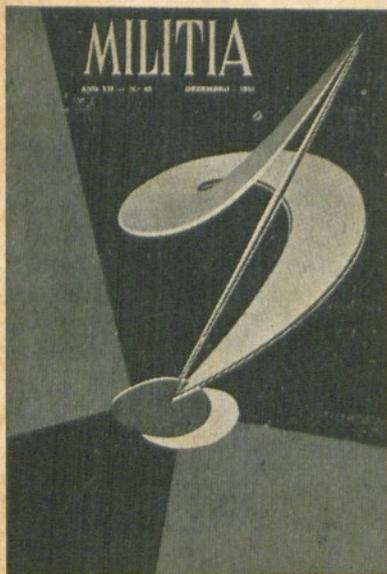
A todos os confrades desejamos um bom Natal e muitas felicidades no decorrer do ano entrante de 1954.

Aos que nos enviaram cumprimentos, o nosso "Muito Obrigado".

1.º Torneio de 1953

Por ter havido confusão na apuração do 1.º Torneio de 1953, resolveu a Direção da revista considerar vencedores, em 1.º lugar, os charadistas **Paulista Velho** e **Pompeu Junior**, aos quais foram ofertados o dicionário C. Figueiredo (Peq.) e Contemporaneo, de F. Fernandes, respectivamente; aos demais concorrentes foram ofertados livros diversos.

★ ★ ★



NOSSA CAPA

DINAMISMO E PROGRESSO — Idealizada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, em homenagem ao IV Centenário de S. Paulo de Piratininga, a espiral simboliza o dinamismo da gente paulista e o progresso formidável da cidade que mais cresce no mundo.

MILITIA

Revista de assuntos técnicos policiais,
militares e culturais em geral.

ÓRGÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA FORÇA
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones } externo 34-6488
 } interno 142

SÃO PAULO, S. P. _____ Brasil

A N O V I I

Dezembro de 1953

N.º 43

DIRETOR GERAL	cel. José Anchieta Torres
DIRETOR RESP. E GERENTE :—	cap. Francisco Vieira Fonseca
REDATOR-CHEFE : —	maj. Bento Barros Ferraz
SECRETARIO : —	1.º ten. Hildebrando Chagas (E.J.C.L.)
TESOUREIRO : —	major Manoel Pereira da Silva
REDADORES :	ILUSTRAÇÃO :
— ten. cel. mons. Paulo A. Cavalheiro Freire	— cap. Félix Barros Morgado
— maj. Milton Marques de Oliveira	— 2.º ten. Olavo Soares
— cap. Felix de Barros Morgado	— José Campos Montes
— cap. Paulo Monte Serrat F.º	
— cap. Ari José Mercadante	FOTOGRAFIA :
— cap. Francisco Antônio Bianco Jr.	— Ludovico Paraschin
— 1.º ten. Miguel M. Sendin	
— 1.º ten. Antônio Silva	

ASSINATURAS .

Por 12 números	Cr\$ 50,00
Número avulso	Cr\$ 5,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

- * A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- * Toda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.
- * Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.
- * A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

- Desejamos estabelecer permuta
 - Deseamos establecer el cambio
 - Desideriamo stabilire cambio
 - On désire établir échange
 - We wish to establish exchange
 - Austausch erwünscht

**CONFIANÇA NÃO SE IMPÕE,
ADQUIRE-SE**

RECONDICIONAMENTO DE MOTORES A EXPLOSAÇÃO

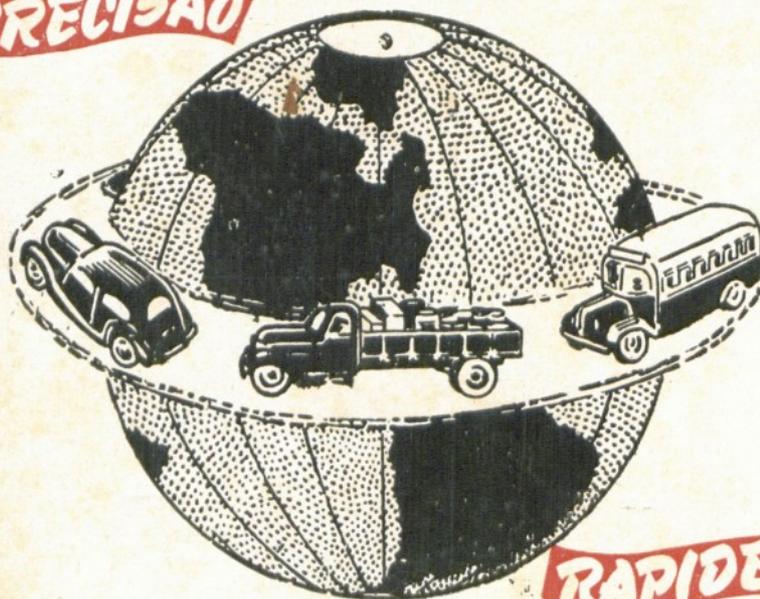
GASOLINA

Retificação de Virabrequins, Cilindros, Válvulas, Sêdes, Enchimento e Mandrilagem de Mancais e Bielas.

DIESEL

Pistões - Pinos - Anéis - Camisas
Bronzinas - Válvulas - Sêde
Mancais - Bielas

PRECISÃO



RAPIDEZ

Retificadora Universal de Motores Ltda.

R. Três Rios, 456 — Fone: 52-6660 — S. PAULO